

Histórias de um lugar

María Jesús Agra



edição | edición:
Museu Quinta da Cruz - Centro de arte contemporânea

coordenação | coordinación:
APECV-Associação de Professores de Expressão e Comunicação Visual

design e paginação | diseño y maquetación:
María Jesús Agra e Raquel Balsa (APECV)

fotografia das conversas | fotografías de las conversaciones:
Raquel Balsa

ISBN
978-972-8215-89-7

edição | edición:
2021

agradecimento | reconocimiento:
Gina Gueidão



Histórias de um lugar

María Jesús Agra

Índice

Jorge Sobrado	6	Histórias de um lugar	42
O futuro tem um coração antigo		... desde que as vozes do rio são ouvidas	44
El futuro tiene un corazón antiguo		... desde quando as vozes do rio são ouvidas	
Ana Rita Antunes	8	... desde que as conversas criaram imagens	46
A cumplicidade de um lugar Habitado		... desde quando as conversas criaron imaxes	
La complicitad de un lugar Habitado			
Teresa Eça	12	Vamos esconder-nos, os visitantes estão a chegar!	48
En(caixar)		Vamos nos esconder, os visitantes estão chegando!	
En(cajar)			
Cristina Trigo	16	Tempos de trabalho duro, mas muito felizes!	54
Un archipiélago para las memorias náufragas		Temos que recuperar os moinhos!	60
Un archipiélago para las memorias náufragas		Temos que recuperar os moinhos;	
Raquel Balsa	20	Costurava, costurava e costurava	66
Paisagem vivida		Costuraba, costuraba e costuraba	
Paisaje vivido		... desde que o mar chegou	72
Guiado unicamente por um aroma	24	à Quinta da Cruz	
Guiado solo por un aroma		... desde quando o mar chegou	
Aromas 10 - 21 Feb 2020	26	à Quinta da Cruz	
Quinta da Cruz Viseu		... desde que as palavras silenciadas foram ouvidas	80
Dona Ana Gil	28	... desde quando as palavras silenciadas foram ouvidas	
Don Firmino Toipa	30	Reflexões durante o projecto	82
Rio Pavia	32	Reflexiones en el discurrir del proyecto	
Dona Maria Teresa de Mendonça	34	María Jesús Agra Pardiñas	88
Dona Rosa Maria das Neves, Don José Alberto Pereira	36		
Germano, fotógrafo	40		



O futuro tem um coração antigo

El futuro tiene un corazón antiguo

Jorge Sobrado

Vereador da Cultura, Património, Turismo e Marketing Territorial de Viseu

Concejál de Cultura, Patrimonio, Turismo y Marketing Territorial de Viseu

As perguntas simples são as mais difíceis e as mais importantes. Quem somos, afinal de contas? O que define a nossa condição? De que humanidade se faz um lugar?

A todas estas perguntas simples e eternas nos devolve o trabalho de inquirição paciente, registo delicado e interpretação reconstrutiva de Maria Jesus Agra – trabalho expresso de modo, simultaneamente, poético e sistemático, honesto e arrebatador, neste seu projeto “Histórias de um Lugar”.

Poderíamos responder-lhes (ainda a essas perguntas) que somos um nome e um rosto. E não ficaríamos mal servidos. Mas tal definição seria insuficiente e incompleta sem essa terceira dimensão que emerge como matéria-prima na arte hipersensível e sensorial de Agra: a memória.

É a memória – e a faculdade do esquecimento, seu par inseparável – que nos torna humanos. E que torna os lugares sítios habitados (e interessantes).

Justamente, faltava à Quinta da Cruz, na sua reencarnação enquanto Centro de Arte Contemporânea de Viseu, um exercício de rememoração, de resgate das histórias, pessoas, símbolos e transformações, perdas e ganhos, que a tornaram naquilo que ela foi e em que se tornou. Uma rememoração e um resgate, afinal de contas, contra um apagamento empobrecedor e injusto.

Este projeto e exposição são um primeiro e inspirador passo dado “em busca do tempo perdido” da Quinta da Cruz. Mas são em si mesmo um ato criador, mais do que uma fixação de registos, como se de uma autópsia se tratasse.

Agra empreende aqui uma cartografia sensorial e livre onde se combinam constelações de testemunhos, paisagens e documentos, históricos e

Las preguntas sencillas son las más difíciles y las más importantes. ¿Quiénes somos, después de todo? ¿Qué define nuestra condición? ¿De qué humanidad se construye un lugar?

A todas estas preguntas sencillas y eternas nos hace retornar el trabajo de indagación paciente, registro delicado e interpretación reconstrutiva de María Jesús Agra –obra expresada de una manera a la vez poética y sistemática, honesta y asombrosa, en este proyecto de “Historias de un lugar”.

Podríamos responderles (a las preguntas, esas) que somos un nombre y un rostro. Y no sería poca respuesta. Pero tal definición sería insuficiente e incompleta sin esta tercera dimensión que emerge como materia prima en el arte hipersensible y sensorial de Agra: la memoria.

Es la memoria –y la capacidad de olvidar, su compañera inseparable– lo que nos hace humanos. Y lo hace de los lugares, lugares habitados (e interesantes).

Precisamente, le faltaba a la Quinta da Cruz, en su reencarnación como Centro de Arte Contemporáneo de Viseu, un ejercicio de rememoración, de rescate de las historias, personas, símbolos y transformaciones, pérdidas y ganancias, que la convirtieron en lo que fue y en lo que se convirtió. Una rememoración y rescate, después de todo, contra un borrado empobrecedor e injusto.

Este proyecto y exposición es un primer paso inspirador paso “en busca del tiempo perdido” de la Quinta da Cruz. Pero también en sí mismos un acto creativo, más que un establecimiento de registros, como si de una autópsia se tratara.

Agra emprende aquí una cartografía sensorial y libre donde se combinan constelaciones de testimonios, paisajes y documentos, históricos y



contemporâneos, e imaginários criados a meio caminho entre as recordações e os sonhos.

O que a verdade deste projeto, moldado pela sensibilidade artística de Agra e pela liberdade disciplinar da Quinta da Cruz, nos lembra é que a memória está para a identidade como um magma num solo. Ela molda-se às transformações do tempo. De puro repositório, a memória converte-se numa armadilha que se insinua no passado, conformando-se ao presente.

Somos um nome e um rosto, mas também uma memória. Sem ela, não seremos vivos no devir. Como na frase do poeta e pintor italiano Carlo Levi, “o futuro tem o coração antigo”. Assim também em Viseu e na Quinta da Cruz.

[Dedico este texto à memória da ilustre família Calheiros, últimos proprietários da Quinta; ao meu generoso amigo Nuno, filho da casa; e à Ana Rita Antunes, a melhor fiel depositária que poderia desejar este património cultural e humano.]

contemporâneos, e imaginarios creados a medio camino entre los recuerdos y los sueños.

La verdad de este proyecto, moldeado por la sensibilidad artística de Agra y la libertad disciplinaria de la Quinta da Cruz, nos recuerda que la memoria es para la identidad lo que un magma para un suelo. Se adapta a las transformaciones del tiempo. De repositorio neto, la memoria se convierte en una trampa que se adentra en el pasado, moldeándose al presente.

Somos un nombre y un rostro, pero igualmente un recuerdo. Sin él, no estaremos vivos en el futuro. Como dice el poeta y pintor italiano Carlo Levi, “el futuro tiene un corazón antiguo”. Viseu y la Quinta da Cruz también.

[Dedico este texto a la memoria de la ilustre familia Calheiros, últimos dueños de la Quinta; a mi generoso amigo Nuno, hijo de la casa; y a Ana Rita Antunes, la depositaria más leal que pudiera desear este patrimonio cultural y humano.]

A cumplicidade de um lugar Habitado

La complicidad de un lugar Habitado

Ana Rita Antunes

Coordenadora da Quinta da Cruz – Centro de Arte Contemporânea

Coordinadora de la Quinta da Cruz – Centro de Arte Contemporáneo

Há partilha, há troca e há uma incontável vontade de escuta – e na união de todos estes elementos surge o processo de criação de Maria Jesus Agra Pardinas, artista convidada para uma residência, cujos resultados se apresentam na Exposição “Histórias de um Lugar”.

O antes...

Das memórias, várias, sem ordem cronológica ou premissa narrativa, se criaram vontades e dessas vontades, definiu-se mais uma estratégia de trabalho para o projeto da Quinta da Cruz – Centro de Arte Contemporânea de Viseu. Recuámos no tempo e partimos da memória oral, ainda viva, com uma expectativa de a visibilizar e permitir que novas e reinventadas formas de estar e viver, a identidade e o território geográfico do museu, fossem mostradas.

Algumas das pessoas, com as quais a artista conversou, já havíamos estabelecido uma proximidade e foi imediata a entrega com que se dispuseram a conversar e a dar uma parte de si mesmas. Das várias partilhas, agora também elas - nossas vivências, M^a Jesús conquistou outras pontas da meada, elementos únicos na construção coletiva da importância e da representatividade deste lugar. Momentos que aconteceram e movimentaram este espaço, esta terra, esta paisagem, esta Casa - uns traduzidos de forma real nas palavras dos contadores, outros, certamente com elementos imaginados e ficcionados.

A cada conto, um ponto se acrescenta e vai trilhando a extraordinária capacidade que um território tem de se transformar no tempo e no espaço; a magia com que a memória de ontem tende em se enraizar nos dias de hoje e poder de se refletir no amanhã.

O agora...

Das diversas conversas, M^a Jesús, encontrou um denominador comum - o rio; um ciclo vivo e energizante, um curso que se renova, que cla-

Hay compartir, hay intercambio y hay un deseo incontable de escuchar –y en la unión de todos estos elementos, nace el proceso de creación de María Jesús Agra Pardinas, artista invitada a una casa, cuyos resultados se manifiestan en el Exposición “Historias de un lugar”.

El antes...

De las memorias, diversas, sin orden cronológico ni premisa narrativa, nacieron ganas y de esas ganas, se trazó otra estrategia de trabajo para el proyecto de la Quinta da Cruz - Centro de Arte Contemporáneo de Viseu. Retrocedimos en el tiempo y partimos de la memoria oral, aún viva, con la expectativa de hacerla visible y permitir mostrar nuevas y reinventadas formas de ser y vivir la identidad y el territorio geográfico del museo.

Algunas de las personas, con las que conversó la artista, ya habíamos establecido una cercanía y la entrega con la que estaban dispuestos a conversar y dar una parte de sí mismos fue inmediata. De ese intercambio diverso de esas nuestras vivencias, M.^a Jesús fue conquistando otras puntas de la madeja, elementos únicos en la construcción colectiva de la importancia y representatividad de este lugar. Momentos que sucedieron y dieron movimiento a este espacio, esta tierra, este paisaje, esta Casa – algunos traducidos de manera real en palabras de quienes los cuentan, otros, seguramente con elementos imaginarios y ficticios. Muchas historias contadas, muchas historias añadidas y así se va haciendo camino en la extraordinaria capacidad que tiene un territorio para transformarse en el tiempo y en el espacio; la magia con la que la memoria de ayer tiende a arraigarse en los días de hoy y el poder de reflejarse sobre el mañana.

El ahora...

De entre las diversas conversaciones, M.^a Jesús encontró un denominador común: el río; un ciclo vivo y dinamizador, un curso que se renueva, que



rifica olhares e que na corrente nos encaminha para outra e mais outra conversa... não se contentou apenas à escuta destas oratórias, transformou-as, enredou-as nas suas próprias vivências e criou uma primeira coleção, sob um olhar sensível, sensorial e humanos, das gentes e dos palpantes corações que com entusiasmo se entregaram à participação.

Um simples e comovido agradecimento pelo reavivar das memórias de uma Casa e de uma Família onde se espalhou durante décadas a Alegria, Educação, Partilha e Valores... tantas "Histórias fantásticas de um lugar"...

Bem Hajam!!!

Nuno Maria Parreira do Amaral Madeira Calheiros

O *amanhã*, é certamente mais conhecedor, mais habitado e mais estruturante na construção da identidade deste lugar - singular. O agradecimento que expreso, é profundo e envolvente na medida em que, o sim de encantamento com que a Chus aceitou este projeto, nos desarmou por completo. Traduzo ainda em palavras, a riqueza da genuína entrega, de todos os que se dispuseram à partilha e a uma participação desprendida de exposição, permitindo-se a criar novos estados de alma. Ao Nuno Calheiros e à sua mãe, D^a Teresinha, por confiarem ao Município de Viseu um lugar de potencial ímpar. Institucionalmente, um voto de agradecimento ao Vereador da Cultura e Amigo, Jorge Sobrado, pois não seria possível desenvolver este trabalho sem a força motora, a visão sensível e a perseverança que a importância patrimonial dos lugares, representam.

aclara miradas y que en su corriente nos lleva a otra y a otra conversación... no se contentó solo con escuchar estas palabras, las transformó, las entramó en sus propias vivencias y creó una primera colección, bajo una mirada sensible, sensorial y humana, de las personas y los corazones latentes que se entregaron con ilusión a la participación.

Un sencillo y conmovido agradecimiento por revivir los recuerdos de una Casa y una Familia donde la Alegria, la Educación, el Compartir y los Valores se difundieron durante décadas ... tantas "Historias magníficas de un lugar" ...

¡Muchísimas gracias!

Nuno Maria Parreira do Amaral Madeira Calheiros

El mañana es seguramente más sabedor, más habitado y estructurante en la construcción de la identidad de este lugar –único. La gratitud que expreso es profunda y comprometedora en la medida en que el sí encantado con el que Chus aceptó este proyecto, nos desarmó por completo. También traduzco en palabras, la riqueza de la entrega genuina, de todos los que estuvieron dispuestos a compartir y participar de forma entregada en la exposición, permitiéndose crear nuevos estados de ánimo. A Nuno Calheiros y su madre, Doña Teresinha, por confiar al Ayuntamiento de Viseu un lugar de potencial incomparable. Institucionalmente, una palabra de agradecimiento al Concejal de Cultura, también Amigo, Jorge Sobrado, ya que no habría sido posible desarrollar este trabajo sin el impulso, la visión sensible y la perseverancia que la importancia patrimonial de los lugares representa.



En(caixar)

En(cajar)

Teresa Eça

Presidente da APECV, Associação de Professores de Expressão e Comunicação Visual

Presidente de APECV, Asociación de Profesores de Expresión y Comunicación Visual

María de Jesús Agra é uma dessas artistas investigadoras que nos fazem entender o nosso quotidiano como obra de arte, que nos fazem pensar sobre o maravilhoso das histórias das nossas vidas e dos nossos lugares. Artista fortemente comprometida com processos artísticos participativos, traça caminhos de indagação, de reflexão e de reconhecimento de territórios visitados.

A exposição de [María Jesús Agra](#), ‘Histórias de um Lugar’ é o resultado da residência da artista na Quinta da Cruz. Durante a sua estadia em S. Salvador María Jesús Agra, ouviu as histórias de pessoas que viveram na Quinta, visitou arquivos fotográficos na penumbra de um antigo estúdio da cidade; derivou pela cidade e deambulou pela quinta sentindo os cheiros, escutando os murmúrios e perscrutando a paisagem onde as histórias das pessoas reverberavam .

Colecionou fragmentos anotando as suas características, as evocações e os sentimentos que refletiam.

Categorizou as pequenas coisas: as frases saídas das memórias das pessoas, os objetos quotidianos, a pele das árvores; a fluidez da água espelhando o céu; o som trepidante do rio, as tonalidades das pedras e o macio das plantas.

Me gusta, dentro de las historias de un lugar, detenerme por un instante en un fragmento de una historia personal vivida, y fijar un pequeño fragmento del lugar: tierra, hojas, piedras, trozos encontrados, ..., como poemas visuales sobre el recuerdo, el olvido, lo ausente... (Agra-Pardiñas, 2021)

Juntou todas as peças, selecionou os fragmentos com os quais construiria uma outra história. Uma história de uma estrangeira, de alguém que veio de longe para entender um lugar estranho, contado numa outra língua mas aberto a infinitas possibilidades de tessitura.

María de Jesús Agra es una de esas artistas investigadoras que nos hacen entender nuestro cotidiano como obra de arte, que nos hacen pensar en lo maravilloso de las historias de nuestras vidas y nuestros lugares. Artista fuertemente comprometida con los procesos artísticos participativos, traza caminos de indagación, reflexión y reconocimiento de los territorios que visita.

La exposición ‘Histórias de um Lugar’ de María Jesús Agra es el resultado de la residencia de la artista en Quinta da Cruz. Durante su estancia en S. Salvador, María Jesús Agra escuchó las historias de la gente que vivió en la Quinta, visitó archivos fotográficos en la penumbra de un antiguo estudio de la ciudad; fue a la deriva por la ciudad y deambuló por la finca, sintiendo los olores, escuchando los murmullos y escudriñando el paisaje donde reverberaban las historias de la gente.

Recogió fragmentos señalando sus características, las evocaciones y los sentimientos que reflejaban. Categorizó las cosas pequeñas: las frases de los recuerdos de las personas, los objetos cotidianos, la piel de los árboles, la fluidez del agua reflejando el cielo, el sonido trepidante del río, los tonos de las piedras y la blandura de las plantas.

Juntó todas las piezas, seleccionó los fragmentos con los que construiría otra historia. Una historia de una extranjera, de alguien que vino de lejos para entender un lugar extraño, contada en otro idioma pero abierto a infinitas posibilidades de tessitura.

Tal como as caixas do artista norte americano Cornell; as caixas de María Jesús são tesouros narrativos; pequenos museus interativos, que pela sua escala equacionam um outro tipo de museu, portátil, lúdico e cheio de potencialidades semânticas. Relacionando fragmentos de histórias pessoais com o conceito de obra aberta num museu imaginário de arte total que dá voz ao silêncio do quotidiano.

Mais do que a história do lugar, ou a compilação de histórias do lugar María Jesús Agra inventa uma outra história onde todas as outras histórias se cruzaram no mapa das memórias de vivências da Quinta, ecoando nos passos da experiência da estrangeira nesse lugar. Uma metanarrativa fascinante do rio Pavia ao Mar! Porque María Jesús Agra emprestou o mar, o mar que sempre traz no seu olhar sobre a vida, sobre as coisas e sobre os outros.

Na sua viagem criou cartografias de sentimentos, memórias e afetos, a partir das pequenas coisas que muitas vezes nos passam despercebidas, dando- nos então a possibilidade de voltar a olhar, emprestando-nos aquela imensidão marítima de uma visão alheia que cola os pequenos fragmentos do tempo e do acaso em obras de encantar.

Los fragmentos como mapas de la geografía personal donde quedan las huellas, las manchas, las ideas... Imágenes del día a día, paisajes personales, un caleidoscopio único. Hojas inacabadas, fragmentos de fotografías, de pensamientos, de emociones, de ideas... que cobran sentido al ser ensambladas a manera de un pavimento biológico, como un mosaico mental (Agra-Pardiñas, 2021).

Obras onde encontramos espelhadas as fotografias do Germano; as histórias de dona Ana Gil; de Dona Rosa e José Alberto, do Sr. Firmino, da Dona Teresinha e dos filhos, permeadas pelo som da água de Vildemoinhos, em barcos imaginários que nos levam até as margens de um tempo e espaço longínquos. Uma viagem cúmplice, das brisas pelos mares inventados na superfície das árvores da Quinta da Cruz.

A exposição abre caminhos para os visitantes, María Jesús Agra, deixa-nos o convite para criar outras histórias encaixadas.

Tal y como las cajas del artista norteamericano Cornell, las cajas de María Jesús son tesoros narrativos, pequeños museos interactivos que, por su escala, plantean otro tipo de museo, portátil, lúdico y lleno de potencialidades semánticas. Pone en relación fragmentos de historias personales con el concepto de obra abierta en un museo imaginario de arte total que da voz al silencio de lo cotidiano.

Más que la historia del lugar, o la recopilación de historias del lugar, María Jesús Agra inventa otra historia en que todas las demás historias se entrecruzan en el mapa de las vivencias recordadas de la Quinta, haciendo eco en los pasos de la experiencia de la extranjera en ese lugar. ¡Una cautivadora metanarrativa del río Pavía hacia el mar! Porque María Jesús Agra prestó el mar, el mar que ella siempre trae en su mirada sobre la vida, las cosas y los demás. En su viaje, creó cartografías de sentimientos, recuerdos y afectos, partiendo de las cosas pequeñas que muchas veces nos pasan despercebidas, dándonos así la posibilidad de volver a mirar, prestándonos la inmensidad marítima esa de una visión ajena que pega los pequeños fragmentos del tiempo y del azar en obras que encantan.

En sus obras encontramos reflejadas las fotografías de Germano, las historias de Doña Ana Gil, de doña Rosa y José Alberto, del señor Firmino, de doña Teresinha y sus hijos, permeados por el sonido del agua de Vildemoinhos, en barcos imaginarios que nos llevan hacia la orilla de un tiempo y espacio lejanos. Un viaje cómplice, de brisas por los mares inventados en la superficie de los árboles de Quinta da Cruz.

La exposición abre caminos para los visitantes, María Jesús Agra nos deja la invitación a crear otras historias encajadas.

Tu historia como ese libro único, personal, intransferible, ese fragmento que a partir de sus elementos nos habla de cada uno de nosotros, a través del soporte elegido, los objetos, la tipografía, el color o colores usados, los textos caligrafiados, los elementos buscados, el olor del momento, ... es una pieza única, es tu pieza como artista que eres, y nos transmites todas aquellas cosas que no son visibles a los demás, cómo vives y cómo te relacionas ante tu propio proceso, tu propio viaje por esa andadura, andadura con muchos cruces, desvíos, bahías y enseñadas,.... (Agra-Pardiñas, 2021)

Referência

Agra-Pardiñas, M.J. (2021). Historias Encaixadas. Viseu: APECV. Disponível em: <https://www.apecv.pt/historias-encaixadas-María-Jesús-agra>



Un archipiélago para las memorias náufragas.

Un archipiélago para las memorias náufragas.

Cristina Trigo

Professora de Educación Artística (Faculdade de Ciências da Educação, Universidade de Santiago de Compostela)

Docente de Educación Artística (Facultad de Ciencias de la Educación, Universidad de Santiago de Compostela)

Reflexões sobre o projeto “Histórias de um lugar” de María Jesús Agra.

Depois de andar por sete dias através das matas, quem vai a Bauci não consegue vê-la e já chegou. As finas palafitas que se elevam do solo a grande distância umas das outras e se perdem acima das nuvens sustentam a cidade. Sobe-se por escadas. Os habitantes raramente se mostram em terra: já têm tudo de que precisam lá em cima e preferem não descer. Nada na cidade toca o solo, excepto aquelas longas pernas de flamingo sobre as quais ela se apoia e, nos dias luminosos, uma sombra diáfana e angulosa desenhada na folhagem.

Três hipóteses se colocam sobre os habitantes de Bauci: que odeiam a terra; que a respeitam a ponto de evitar qualquer contacto; que a amam como ela era antes deles e, com lunetas e telescópios apontados para baixo, não se cansam de revê-la, folha por folha, pedra por pedra, formiga por formiga, contemplando a sua própria ausência com fascínio.

(Italo Calvino. “As cidades e os olhos - 3”. As cidades invisíveis.)

O viajante sabe que tem de ficar, tem de permanecer o tempo suficiente para que surjam as vozes. As folhas, as pedras, as formigas, o ruído do rio, os passos, os cheiros... contam histórias do local para quem as quiser ouvir. Porém o viajante também sabe que a memória se dilui e se reinventa quando entra no passado e sai no presente; uma viagem em que a vivência se converte em relato. Parte-se do evasivo esboço da memória para uma construção formal; o que foi reveste-se da narrativa do tempo e do olhar de hoje.

O projeto “Histórias de um lugar” de María Jesús Agra (A Coruña, 1949) enquanto artista residente na Quinta da Cruz pretende “explorar e potenciar a identidade e o território desse espaço” (Agra,

Reflexiones en torno al proyecto “Historias de un lugar” de María Jesús Agra.

Después de andar siete días a través de boscajes, el que va a Baucis no consigue verla y ha llegado. Los finos zancos que se alzan del suelo a gran distancia uno de otro y se pierden entre las nubes, sostienen la ciudad. Se sube por escalerillas. Los habitantes rara vez se muestran en tierra: tienen arriba todo lo necesario y prefieren no bajar. Nada de la ciudad toca el suelo salvo las largas patas de flamenco en que se apoya, y en los días luminosos, una sombra calada y angulosa que se dibuja en el follaje.

Tres hipótesis circulan sobre los habitantes de Baucis: que odian la tierra; que la respetan al punto de evitar todo contacto; que la aman tal como era antes de ellos, y con catalejos y telescopios apuntando hacia abajo no se cansan de pasarle revista, hoja por hoja, piedra por piedra, hormiga por hormiga, contemplando fascinados su propia ausencia.

(Italo Calvino. “Las ciudades y los ojos-3”. Las ciudades invisibles.)

El viajero sabe que ha de quedarse, ha de permanecer el tiempo necesario para que surjan las voces. Las hojas, las piedras, las hormigas, el rumor del río, los pasos, los olores... cuentan historias del lugar para quien quiera escucharlas. Pero el viajero también sabe que la memoria se diluye y se reinventa al entrar en el pasado y salir en el presente; un viaje en el que la vivencia se transmuta en relato. Se pasa del boceto inasible del recuerdo a una construcción formal; lo que fue se reviste con la narración del tiempo y la mirada de hoy.

El proyecto de María Jesús Agra (A Coruña, 1949) “Historias de un lugar” como artista residente en Quinta da Cruz pretende “explorar y potenciar la identidad y el territorio de ese espacio” (Agra,

2020). E assim, em fevereiro desse ano, junto das pessoas que guardam as memórias do que foi esse lugar, começa a sua tarefa de exploradora: entrevistas, conversas, silêncios, passeios, escutas, registo fotográfico, recolha de materiais da natureza, gravações, cadernos de palavras e perguntas sem fim. É preciso questionar para conhecer e compreender o que significou para quem o habitou e lhe deu vida, mas também para se posicionar (sem perder a capacidade de afastamento que acompanha o estrangeiro na viagem) naquilo que é e significa para a artista estar e sentir a Quinta da Cruz.

Na sua casa-estúdio de Lapidó, nos arredores de Santiago de Compostela, continua o processo. Aqui permanecerá durante o confinamento resultante da pandemia da Covid-19, dando forma ao projeto. Começa agora o seu trabalho como fareleira. Observa à distância, perscruta através da névoa, imagina e tece uma complexa cartografia de linhas descontinuas que se entrecruzam fora do espaço e do tempo.

Desaparecida na escuta, sozinha com as vozes emprestadas por quem salvaguarda a memória do lugar, Agra entranha-se no processo de construção das caixas, das séries fotográficas, dos textos e de outros elementos que compõem a exposição. Indo além do processo de busca, a artista promove o encontro entre as pinturas e os objetos reutilizados, as fotografias ou os elementos naturais e, aos poucos, surgem situações, paisagens e relações inesperadas - como restos de uma embarcação que dão à costa.

María Jesús Agra cria histórias en-caixadas há mais de uma década. O seu trabalho assemelha-se com o dos precursores da assemblage das primeiras vanguardas do século XX, os museus portáteis de Marcel Duchamp, as caixas Fluxus, artistas que com as suas obras se inscrevem no conceito de arquivo ou que refletem sobre a ausência e a memória, como Christian Boltanski, entre outras referências. Contudo, na obra da artista galega, talvez ecoe com maior ressonância Joseph Cornell (Estados Unidos, 1903-1972), um dos mais destacados expoentes de assemblage que representa uma construção do seu mundo interior combinando as imagens e objetos que vivem nas suas caixas de madeira. Esses elementos, antes inertes e agora eloquentes, con-

2020). Y así en febrero de este año, junto a las personas que sostienen los recuerdos de lo que fue ese lugar, comienza su tarea como exploradora: entrevistas, conversaciones, silencios, paseos, escuchas, registro fotográfico, recogida de materiales de la naturaleza, grabaciones, cuadernos de palabras y un sinfín de interrogantes. Ha de hacerse preguntas para conocer y comprender lo que significó para quienes lo habitaron y le dieron vida pero también para situarse (sin perder la capacidad de extrañamiento que acompaña al extranjero en el viaje) en lo que es y significa para la artista estar y sentir la Quinta da Cruz.

Ya en su casa-estudio de Lapidó, en las proximidades de Santiago de Compostela, continúa el proceso. Aquí permanecerá durante el confinamiento como consecuencia de la pandemia del COVID-19 dando forma al proyecto. Comienza ahora su trabajo de fareira. Observa desde la distancia, atisba entre la niebla, imagina y teje una compleja cartografía de líneas discontinuas que se entrecruzan fuera del espacio y del tiempo.

Desaparecida en la escucha, sola con las voces que le han prestado quienes salvaguardan la memoria del lugar, Agra se interna en el proceso de construcción de las cajas, las series fotográficas, los textos y otros elementos que conforman la exposición. Más que situarse en una búsqueda la artista promueve el encuentro entre las pinturas y los objetos reutilizados, las fotografías o los elementos naturales y, poco a poco, van emergiendo -como pecios que llegan a la orilla- situaciones, paisajes y relaciones inesperadas.

María Jesús Agra lleva más de una década creando historias en-cajadas. Su trabajo está emparentado con los precursores del assemblage de las primeras vanguardias del siglo XX, los museos portátiles de Marcel Duchamp, las cajas Fluxus, artistas que inscriben su obra en el concepto de archivo o que reflexionan sobre la ausencia y la memoria como Christian Boltanski, entre otras referencias. Pero quizás el eco que tiene una mayor resonancia en la obra de la artista gallega reside en Joseph Cornell (Estados Unidos, 1903-1972), uno de los exponentes más destacados del *assemblage* que articula su mundo interior a través de las imágenes y objetos que habitan en sus cajas de madera. Esos elementos, antes inertes y ahora elocuentes, se

vertem-se em instrumentos mediadores por meio dos quais a artista reflete sobre a natureza da realidade.

Do ponto de vista formal, Agra situa-se na obra de Cornell porque se interessa pela caixa como arquitetura poética, como uma grande janela de mundos imaginados. Em “Histórias de um lugar”, cada caixa-cena-página se torna uma ilha para a qual se desloca a memória náufraga. Este encontro atua como detonador de uma infinidade de relações, caracterizadas pelo performativo e pelo cenográfico, e no qual convergem simultaneamente múltiplos pontos de vista, reflexos, personagens desenvolvendo diferentes ações, quadros que se ligam a outras realidades, escadas, elevações ou ramos que servem de ponte entre elas, texturas e cheiros de elementos naturais... um jogo dinâmico e sensorial com o qual prende e envolve o espectador.

María Jesús Agra parte das vozes de quem habitou o lugar, abeira-se do património material e imaterial da Quinta da Cruz e lança um projeto que inevitavelmente deixa em aberto, pois os relatos e reminiscências do passado são necessariamente descontínuos e poliédricos. Não é seu objetivo mostrar-nos o registo ou o arquivo, mas sim criar uma estrutura sensorial através da qual possamos estabelecer diálogos e conexões entre os patrimónios e nós mesmos.

Durante anos, como professora de educação artística na Faculdade de Ciências da Educação (Universidade de Santiago de Compostela), Agra propôs aos alunos a realização de projetos para questionar, a partir da linguagem visual e artística, sobre a sua identidade como futuro professor e a sua relação com a arte. Tratava-se de refletir sobre a experiência vivida, de falar para si mesmo, de saber do que se quer livrar e o que se quer manter. Esta é uma tarefa árdua porque implica um complexo exercício de introspeção, criação e ressignificação em que se emerge das emoções da infância às incertezas de hoje. Um “esvaziamento” e uma desconstrução necessários para entender de onde viemos e o que queremos ser. E esta é a essência do seu trabalho: questionar a realidade e esforçar-se em criar utopias sob a crença de que cada vida humana tem um projeto próprio.

convierten en instrumentos mediadores a través de los que el artista reflexiona acerca de la naturaleza de lo real.

Desde el punto de vista formal, Agra se asoma a la obra de Cornell porque le interesa la caja como arquitectura poética, como gran ventana de mundos imaginados. En “Historias de un lugar” cada caja-escenario-página se convierte en una isla hacia la que deriva la memoria náufraga. Ese encuentro actúa como detonante de un sinfín de relaciones caracterizadas por lo performativo y lo escenográfico y en el que confluyen simultáneamente múltiples puntos de vista, reflejos, personajes desarrollando diferentes acciones, cuadros que conectan con otras realidades, escaleras, elevaciones o ramas que sirven de puente entre ellas, texturas y olores de los elementos naturales... un juego dinámico y sensorial con el que atrapa y envuelve al espectador.

María Jesús Agra parte de las voces de quienes habitaron el lugar, se acerca al patrimonio material e inmaterial de la Quinta da Cruz y pone en marcha un proyecto que deja abierto, de forma inevitable, pues los relatos y reminiscencias del pasado son necesariamente discontinuos y poliédricos. Su objetivo no es mostrarnos el registro o el archivo sino crear un entramado sensorial a través del que podamos establecer diálogos y conexiones entre los patrimonios y nosotros mismos.

Durante años como docente de educación artística en la Facultad de Ciencias de la Educación (Universidad de Santiago de Compostela), Agra propuso al alumnado realizar proyectos para indagar, desde el lenguaje visual y artístico, sobre su identidad como futuro docente y su relación con el arte. Se trataba de reflexionar a partir de la experiencia vivida, de contarse, de saber aquello de lo que quieres despojarte y lo que quieres mantener. Esta es una tarea ardua porque implica un ejercicio complejo de introspección, creación y re-significación en el que afloran desde las emociones de la infancia hasta las incertezas de hoy. Un “vaciado” y desconstrucción necesarios para entender de dónde venimos y qué queremos ser. Y esta es la esencia de su trabajo; cuestionar la realidad y afanarse por crear utopías en la creencia de que cada vida humana tiene un proyecto propio.



Nesse mar Atlântico e revoltoso, que embebe a trajetória de María Jesús Agra, se dissipa o nevoeiro e, finalmente, se avista um arquipélago: “Histórias de um lugar”; um dispositivo processual à volta da Quinta da Cruz em que cada elemento é uma página inacabada, um convite ao espectador para embarcar na busca de si mesmo. E, quiçá - como nas cidades invisíveis de Italo Calvino -, depois de andar às voltas e se perder, encontre uma saída... ou talvez várias.

*Cristina Trigo, Santiago de Compostela
(13 de julho de 2020)*

En ese mar Atlántico y rugiente que empapa la trayectoria de María Jesús Agra, la niebla se despeja y se divisa al fin un archipiélago: “Historias de un lugar”; un dispositivo procesual en torno a la Quinta da Cruz en el que cada elemento es una página sin concluir, una invitación al espectador a embarcarse en su propia búsqueda. Y quizás, -como en las ciudades invisibles de Italo Calvino- tras dar vueltas y perderse encuentre una salida... o tal vez varias.

*Cristina Trigo, Santiago de Compostela
(13 de julio de 2020)*

Paisagens vividas

Paisajes vividos

Raquel Balsa

Designer e fotógrafa, membro da APECV

Diseñador y fotógrafo, miembro de APECV

Quantas vezes fizemos a história atravessar-se por rios?

A história pessoal da paisagem transborda para fora de caixas. Um fio condutor desta narrativa e viagem é o rio. Que corre por todas as histórias e permanece sempre em movimento neste lugar em eco a outros (castelos, igrejas, acampamentos, ...) São paisagens transformadas, íntimas, particulares. Internas. A veia do rio alimenta esta terra, este lugar, assim como o fez com tanta gente. – [Recordo...] *Juntavam-se às dezenas para o almoço na Quinta da Cruz, na longa mesa onde todos convergiam* – são estas as vozes que se escutam e são seiva na exposição *Histórias de um lugar*.

Geografia emocional e museu imaginado

Os objetos, fragmentos que reivindicam histórias. Descobrimos e inventamos lugares nos objetos que reivindicam um amanhã. Na sua nova vida carregam figurinos de afetos coletados de histórias vividas (escutadas), revividas (encaixadas) e abertas a uma nova vivência (fruídas). O ciclo narrativo e cenográfico, *memorabilia*, constrói-se e materializa-se sem se fechar, coleciona memórias, sonhos, gestos, objetos, natureza; reinventa-os num sucessivo narrar pela voz sensível de María Jesús Agra.

Uma multiplicidade que está a ser neste entrelaçar.

Múltiplas texturas e impressões

Lugares trazidos do espaço em redor.

Onde se entretecem diversas gerações.

Em cada obra as camadas de tramas geram texturas vivas, por vezes descobertas e recolhidas em caminhadas pelo *lugar*, pegadas que se acrescentam ao fluir da história ao longo do rio. Tempo distendido, espelhado nas próprias caixas que se estendem do seu interior em continuidade e eco da cena.

O espaço exterior compõe o espaço interno para além de vestígio ou testemunho: é órgão operativo da engrenagem viva dos quadros-janelas.

¿Cuántas veces hicimos cruzar la historia por los ríos?

La historia personal del paisaje desborda hacia fuera de las cajas. El río es un hilo conductor de esta narrativa y viaje, que recorre todas las historias y permanece siempre en movimiento en este lugar, haciéndose eco de otros (castillos, iglesias, campings,...). Son paisajes transformados, íntimos, particulares. Internos. La vena del río alimenta esta tierra, este lugar, así como lo hizo con tanta gente. – [Recuerdo...] *Se reunían decenas de personas para almorzar en Quinta da Cruz, en una larga mesa donde todos convergían* – estas son las voces que se escuchan y son savia en la exposición *Historias de un lugar*.

Geografía emocional y museo imaginado

Los objetos, fragmentos que reivindicamos historias. Descubrimos e inventamos lugares en los objetos que reivindicamos un mañana. En su nueva vida llevan figurines de afectos recolectados de historias vividas (escuchadas), revividas (encajadas) y abiertas a una nueva vivencia (disfrutadas). El ciclo narrativo y escenográfico, *memorabilia*, se construye y se materializa sin encerrarse, recoge memorias, sueños, gestos, objetos, naturaleza; los reinventa con la sensible voz de María Jesús Agra en su sucesiva narración.

Una multiplicidad que se halla en este entrelazado.

Múltiples texturas e impresiones

Lugares llevados desde el espacio en rededor.

Donde se entretajan varias generaciones.

En cada obra, las capas de lienzos generan texturas vivas, a veces descubiertas y recogidas al caminar por el lugar, huellas que se añaden a la fluidez de la historia a lo largo del río.

Tiempo dilatado, reflejado en las mismas cajas que se extienden desde su interior en un continuo y eco de la escena.

El espacio exterior conforma el espacio interno, más allá de un vestigio o testimonio: es órgano



Este exterior brota de dentro das caixas, estende-se e cresce para além de fronteiras, esgueira-se até nós, em nós. Madeira, pedra, metal, água, casca, ramos, tecido, luz, ... um pavimento biológico que nos leva a experienciar a imperfeição como força vital, humana. Desenhando uma geografia pessoal que evoca o passado, íntimo e imaginado.

Aberto e inacabado

A obra acabada transporta. É só o início. De relações. Entre memórias, afetos, fragmentos da artista, do lugar e das suas pessoas, e pedaços re-despertados no observador. Um vir-a-ser. E um instante. Que lança a pergunta do que se lhe segue. Imagina!

Sentados ao sol ribeirinho a família estende os petiscos em mantas coloridas, a tarde espreguiça-se e o mais novo abraça os altos ramos das árvores. Maçãs e pássaros pontuam os céus que se desdobram como lençóis lavados ao sol. Cheira a sabão, a clorofila, a risos...

Um momento congelado, cinematográfico, teatral, encena a vida em simetria ao doméstico, e a sua antes alteridade, encantamento e magia. Uma fantasia que nos transporta por caixas de música, caixas de jóias, gavetas de memórias. À vida Vivida de cada um. Nesta relação material com o passado há um testemunho de uma memória coletiva e sentidos singulares e individuais, através das recordadas histórias do lugar. São recordação, impressão da vida, momentos que se querem preservar, momentos que se querem imaginados e guardados em caixas. Reviver é preservar.

Dentro de uma caixa, dentro de uma caixa.

A casa e o museu.

O (re)inventado palco da domesticidade. As pessoas estão cercadas por objetos colecionados em caixas. Gavetas, caixas de sapatos, malas, cofres, baús, as próprias casas. Objetos que evocam memórias e afetos. Caixas de memórias, de conexões. Objetos ligados a experiências, lugares vividos. Símbolos, história e identidade. Os objetos da *Histórias de um lugar* são documentos narradores, evocam um **pedaço de paisagem vivida**.

operativo del engranaje vivo de los cuadros-ventana. Este exterior brota de dentro de las cajas, se extiende y crece más allá de las fronteras, se escabulle hacia nosotros, en nosotros. Madera, piedra, metal, agua, cortezas de árboles, ramas, tela, luz,... un suelo biológico que nos lleva a probar la imperfección como fuerza vital y humana; perfilando una geografía personal que evoca el pasado, íntimo e imaginado.

Abierta e inacabada

Nos transporta la obra acabada. Es solo el comienzo. De relaciones. Entre memorias, afectos, fragmentos de la artista, del lugar y de su gente, y trozos re-despertados en el observador. Un porvenir. Y un instante. Que lanza la pregunta de lo que viene a continuación. ¡Imagina!

Sentados bajo el sol ribereño, la familia reparte las tapas en mantas de colores, la tarde se despereza y el menor abraza a las altas ramas de los árboles. Manzanas y pájaros salpican los cielos que se despliegan como sábanas lavadas bajo el sol. Huele a jabón, clorofila, risas...

Um momento congelado, cinematográfico, teatral, escenifica la vida en simetría con lo doméstico, y su alteridad anterior, encantamiento y magia. Una fantasia que nos transporta por medio de cajas de música, joyeros, cajones de recuerdos; a la vida Vivida de uno mismo. En esta relación material con el pasado se da testimonio de una memoria colectiva y sentidos singulares e individuales, a través de las historias del lugar que se redespertan. Son recuerdo, impresión de vida, momentos que quieres preservar, momentos que quieres imaginados y guardados en cajas. Revivir es preservar.

Dentro de una caja, dentro de una caja.

La casa y el museo.

El (re)inventado escenario de la domesticidad. La gente está rodeada de objetos recogidos en cajas. Cajones, cajas de zapatos, maletas, cajas fuertes, baúles, las casas mismas. Objetos que evocan memorias y afectos. Cajas de recuerdos, de conexiones. Objetos vinculados a experiencias, lugares vividos. Símbolos, historia e identidad.

A grande casa, o Museu, também começou por conservar, colecionar. Oferecendo uma segunda vida como património. Este Museu, na Quinta da Cruz, começou por ser um lugar habitado que gerou memórias, agora, através do trabalho de María Jesús Agra, as vozes resgatadas fazem do museu Casa novamente. Caixas dentro da Casa, dentro do Museu, dentro da casa, dentro de caixas.

Do invisível

Vozes. Retiradas de uma condição invisível, trazidas ao visível, carregado novamente de um outro invisível, inefável.

Objetos. Nem a vida nem os objetos estão submetidos à sua evidência, superam a sua materialidade no *reuso*, artefactos de imaginação. Encaixados, resistem. São palcos. Atores. Subjetivados.

Atores. Da história e da imaginação, de mitos e contos. Saudosos e lúdicos, inúteis. As ligações e conexões que trazem à tona e à memória são prova do seu valor biográfico e narrador. Evocador.

Num braço da exposição temos um baú que guarda memórias, donde se projectam vozes deste Lugar, vindas de onde já se aninham loiças e enxovais de gerações, vestidos de comunhão e cartas saudosas. É uma relíquia de valor inestimável.

Bem-haja María Jesús Agra

Pelas janelas abertas em que podemos descobrir e descobrir-nos, por me levar de tantas formas nesta viagem. Nesta casa, neste museu, neste olhar, nesta caixa, neste lugar, nestas histórias-ser, histórias-vidas, histórias-rio, histórias-objetos, histórias-lugar, histórias-memória, histórias-sonho. Contadas por vozes resgatadas, escutadas; caminhos sentidos, pisados; imagens urdidas, re(a)cordadas.

Referências Referencias

Agra-Pardiñas, M.J. (2021). *Historias* En-cajadas. Disponível em: <https://agrart.es/historias/historias-en-cajadas/>

Pomian, K. (1984). *Enciclopédia Einaudi. História e Memória*, 1. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda

Los objetos de *Historias de un lugar* son documentos narradores, evocan un **trozo de paisaje vivido**. La gran casa, el Museo, también empezó por conservar, coleccionar, ofreciendo una segunda vida como patrimonio. Este Museo, en Quinta da Cruz, empezó como un lugar habitado que generó memorias, ahora, a través de la obra de María Jesús Agra, las voces rescatadas hacen del museo de nuevo una Casa. Cajas dentro de la Casa, dentro del Museo, dentro de la casa, dentro de cajas.

De lo invisible

Voces. Apartadas de una condición invisible, llevadas a lo visible, cargado de nuevo de otro invisible, inefable.

Objetos. Ni la vida ni los objetos están sujetos a su evidencia, superan su materialidad en la reutilización, artefactos de la imaginación. Encajados, resisten. Son escenarios. Actores. Subjetivados.

Actores. De la historia e imaginación, de mitos y cuentos. Nostálgicos y lúdicos, inútiles. Los enlaces y conexiones que afloran y traen a la memoria son prueba de su valor biográfico y narrativo. Evocador.

En un lado de la exposición tenemos un baúl que guarda recuerdos, en donde se proyectan voces de este Lugar, procedentes de donde ya se han anidado vajillas y ajueres de generaciones, vestidos de comunión y cartas nostálgicas. Es una relíquia invaluable.

Te doy las gracias María Jesús Agra

Por las ventanas abiertas donde podemos descubrir y descubrirnos a nosotros mismos, por llevarme de tantas maneras en este viaje. En esta casa, este museo, esta mirada, esta caja, este lugar, estas historia-ser, historias-vividas, historias-rio, historias-objetos, historias-lugar, historias-memoria, historias-sueño. Contadas por voces rescatadas, escuchadas; caminos sentidos, pisados; imágenes urdidas, que (se) (re)despiertan.

Guiado apenas por um aroma

Guiado solo
por un aroma



Eu não entendo quase nada,
Mas o espaço é belo,
Silencioso, perfeito.

Eu não entendo quase nada, mas partilho o azul,
o amarelo e o vento.

Guiado por um aroma,
Cada obra é um passo entre o conhecido e o ignorado.

A forma ao princípio é quase como um aroma indefinido que se impõe à medida
Que se vai necessitando.

Este antechecimento ou aroma serve-me de guia
No desconhecido, no desejado, no necessário.

Nunca discuto com ele a priori
e nunca deixo de o fazer a posteriori.

Eduardo Chillida

Yo no entiendo casi nada,
Pero el espacio es hermoso,
Silencioso, perfecto.

Yo no entiendo casi nada, pero comparto el azul,
El amarillo y el viento.

Guiado por un aroma
Cada obra un paso entre lo conocido y lo ignorado.

La forma al principio es casi como un aroma indefinido que se impone a medida
Que va precisándose.

Este preconocimiento o aroma es mi guía
En lo desconocido, en lo deseado, en lo necesario.

Nunca discuto con él a priori
Y nunca dejo de hacerlo a posteriori.

Eduardo Chillida

Aromas 10 - 21 FEV | 2020

Quinta da Cruz | Viseu

Há algum tempo atrás recebi um mail do Centro de Arte Contemporânea da Quinta da Cruz, situado em Viseu, no qual Ana Rita Antunes, me convidava para uma residência artística, com o objetivo de explorar e potenciar a identidade e o território da Quinta da Cruz.

Rita, que é adorável, ofereceu-se para facilitar o contato com pessoas ligadas ao espaço da Quinta da Cruz, para eu falar com elas. Conhecendo o meu trabalho, ela propôs-me fazer um conjunto de "histórias en-caixadas", que de alguma forma refletisse o tempo das conversas partilhadas com as pessoas.

O desafio era grande, interagir com as pessoas não é fácil quando não se domina o idioma (português). Porém, os desafios são sempre emocionantes e aceitei o convite de bom grado.

Parti sem nenhuma ideia preconcebida, tendo claro que as histórias daquele lugar iriam ser as minhas histórias, histórias do que é interpretado ao escutar e acolher todas as ressonâncias que me deixariam. Palavras, gestos, sons, aromas...

Cheguei no dia 10 de fevereiro de 2020 e fiquei até ao dia 21. O espaço da Quinta de Cruz é lindo. É uma zona muito próxima de Viseu, num lugar muito arborizado e atravessado pelo rio Pavia. O Centro está embutido na casa da antiga proprietária, Dona Teresinha, a quem pude conhecer mais tarde.

Conhecia o espaço Quinta da Cruz, que já havia visitado em outras ocasiões. Surpreendo-me sempre com a vida que emana das suas exposições, das visitas e dos projetos com as escolas. No entanto, acima de tudo, eu gosto da atmosfera que resulta do seu uso pelo público, onde as pessoas passeiam, crianças e cães correm

Hace un tiempo me llegó un mail del Centro de Arte Contemporáneo da Quinta da Cruz, situado en Viseu, en el que Ana Rita Antúnez, me invitaba a una residencia artística, con el propósito de explorar y potenciar la identidad y el territorio de la Quinta.

Rita, que es encantadora, me ofreció contactar con personas vinculadas al espacio de la Quinta da Cruz, para conversar con ellas. Conocedora de mi obra, me propuso realizar un conjunto de "historias en-cajadas", que de algún modo reflejase el tiempo compartido con cada una de las personas en las conversaciones.

El desafío era grande, interaccionar con las gentes no es fácil, cuando no dominas la lengua portuguesa. Pero los retos, siempre son apasionantes y con gusto acepté la invitación.

Me fui sin ninguna idea preconcebida, tenía claro que las historias de ese lugar, iban a ser mis historias, historias de lo interpretado al escuchar y atender a todas aquellas resonancias que dejaron en mí. Palabras, gestos, sonidos, aromas...

Llegué el día 10 de febrero y estuve hasta el 21. El espacio de la Quinta de Cruz, es precioso. Es una zona muy cerca de Viseu, en un lugar muy boscoso, y atravesado por el río Pavia. El Centro se incrusta en la casa de la antigua propietaria Dona Teresinha, a quién pude conocer después.

Conocía el espacio da Quinta da Cruz, que ya había visitado en otras ocasiones. Siempre me sorprende la vida que se respira en sus exposiciones, en las visitas y proyectos con los centros educativos. Pero sobre todo, me gusta la atmósfera que se desprende de su uso público, donde pasean personas, corretean niños, perros; donde siempre hay vida, se siente la vida !



de um lado para o outro; onde há sempre vida, onde a vida se sente!

Assim que cheguei, a minha grande amiga, Teresa Eça, veio-me cumprimentar. O que faria eu sem a sua ajuda para entender e para me fazer entender? Ela foi minha tradutora, mas também minha guia nesta viagem pelas paisagens, dos afetos, da memória. Outra pessoa importante foi Raquel Balsa. Ela e a sua câmara acompanharam-me ao longo deste caminho de aventura.

Nada más llegar, me recibió mi gran amiga Teresa Eça. ¿ Qué haría yo sin su ayuda para entender y hacerme comprender? Ella fue mi traductora pero también mi guía en este recorrido por los paisajes, de los afectos, de la memoria. También Raquel Balsa, y su cámara, me habrían de acompañar a lo largo de este camino de aventura.

Dona Ana Gil

E assim começamos. Primeiro, em São Salvador, a comovente conversa com Ana Gil. Reservada e quase uma menina, perdida, às vezes, entre as costuras e os pespontos das memórias ou da vida.

Era clara, como a água é clara, com um respeito distante quando se referia a tudo o que se relacionava com as pessoas e com a vida da Quinta. As suas palavras, impregnadas de uma grande doçura, e ao mesmo tempo de orgulho, ofereciam-nos carinho e alegria. A camisola, que levava vestida debaixo do casaco, foi o ponto de partida da conversa e a chave para entrar no jardim das suas memórias. Guiou-nos ao que fazia desde sempre. Era costureira desde os onze anos, costureira. Contou-nos sobre o seu trabalho na Quinta. Ela não morava lá, ia quando havia trabalho a fazer, que era quase sempre.

Através das suas palavras, ela fez-nos imaginar como poderia ser um dia na Quinta. Ela costurava, costurava e costurava, sobretudo para as mulheres da casa. Havia muito trabalho, principalmente antes das feiras. Lembrava aquele tempo entre nostalgia e cortinas.

Ana Gil não quis que a conversa ficasse gravada em vídeo, mas, no final, a Raquel, com o seu entusiasmo, conseguiu que ela aceitasse com prazer fazer uma série de fotos.

Obrigada.

Y así empezamos. Primero, São Salvador la conmovedora conversación con Ana Gil. Reservada y casi niña, pérdida, a veces, en las costuras y en los pespuntos de los re-cuerdos o de la vida.

Clara, como el agua es clara, con un respeto distante al referirse a todo lo que tenía relación con las personas, con la vida de la Quinta. Sus palabras, impregnadas de una gran dulzura, y a la vez orgullo, nos regala laron afecto y alegría. El jersey que llevaba puesto debajo de su abrigo, nos dio la llave para compartir el jardín de sus recuerdos. Nos guió hasta lo que ella hacía, desde toda la vida. Era costurera, desde los 11 años, costurera. Nos habló de su trabajo en la Quinta. No vivía allí. Iba cuando había trabajo, que era casi siempre.

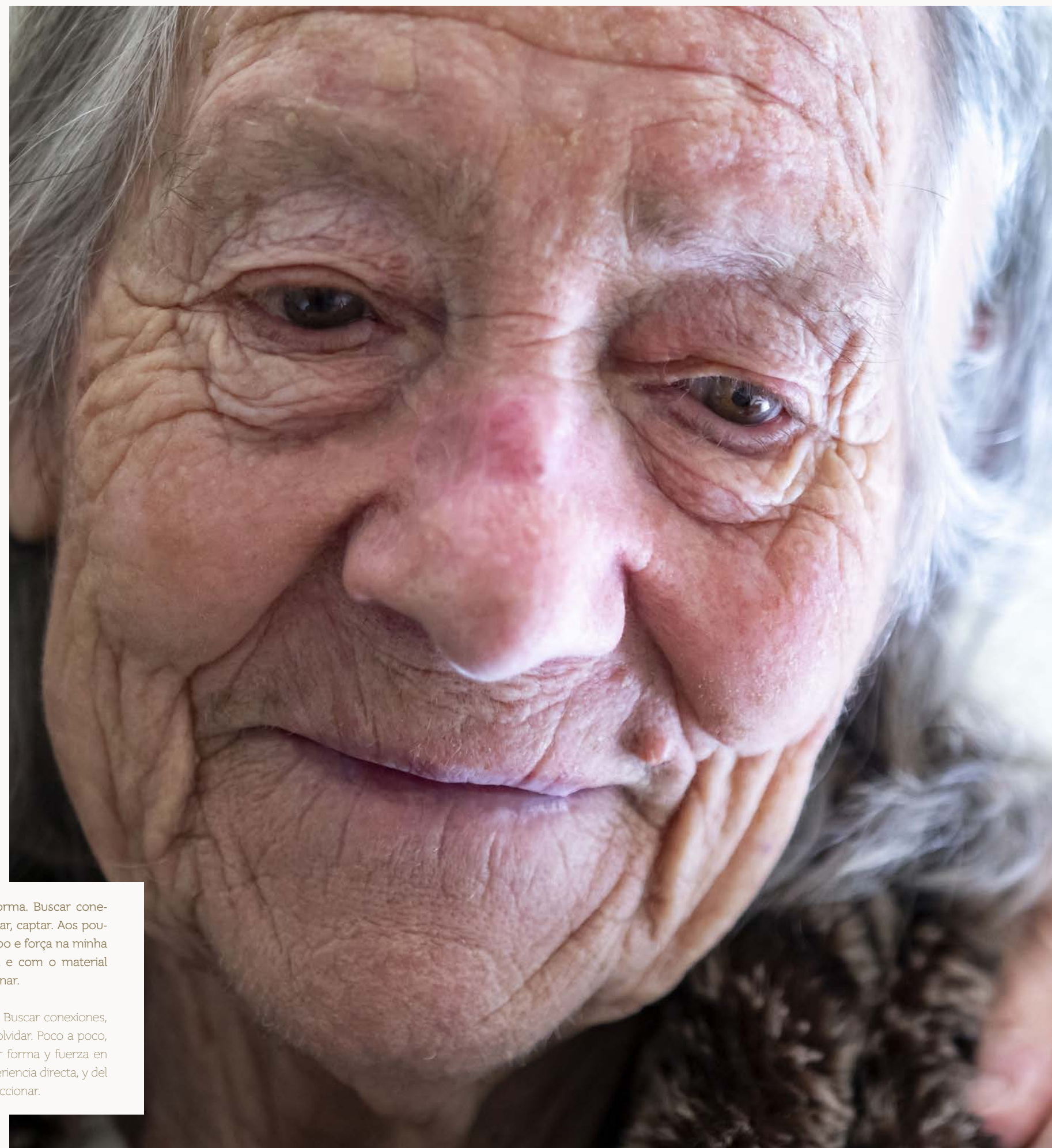
Nos hizo imaginar cómo podía ser un día en la Quinta. Cosía, cosía y cosía, sobre todo para las mujeres de la casa. Había mucho trabajo, mayormente antes de las ferias. Recuerda ese tiempo entre nostalgia y visillos.

Ana Gil no quiso que la conversación se grabase en vídeo, pero al finalizar Raquel, con su entusiasmo, consiguió hacer una serie de fotos, y lo permitió con agrado.

Gracias.

O projeto começou a tomar forma. Buscar conexões, momentos, escutar, indagar, captar. Aos poucos, o projeto foi ganhando corpo e força na minha cabeça, pela experiência direta e com o material que já tinha começado a selecionar.

El proyecto empezó a fraguarse. Buscar conexiones, instantes, escuchar, indagar, no olvidar. Poco a poco, el proyecto comenzaba a tomar forma y fuerza en mi cabeza, de la mano de la experiencia directa, y del material que ya empezaba a seleccionar.



Don Firmino Toipa

O projeto também me deu a oportunidade de conhecer o senhor Firmino Toipa, uma pessoa vital, com grande paixão por moinhos.

Conversando com ele, aprendi muitas coisas: o número de moinhos que houve e como enchiam quotidianamente o rio de vozes e de vida, as batalhas vencidas pelos moleiros, a sua luta gregária. E como toda aquela força se cristalizou nas “Cavalhadas de Vildemoinhos”, uma celebração da alegria que sobrevive ainda hoje.

Compartilhamos a sua tristeza pelos moinhos perdidos, todos, exceto o moinho da Tia Micas: “Tenho algo que toca meu coração”.

Firmino sente o compromisso de fazer reviver este moinho, guardar a sua memória. Quase sem ajuda de qualquer tipo, ele constrói a sua utopia - com a neta - para que não se esqueçam as tradições e a cultura que compõem a identidade dos lugares. Como Firmino bem expressou, aliás: “Os moinhos são minha paixão, eles são meu amor”.

Boa sorte e obrigada.



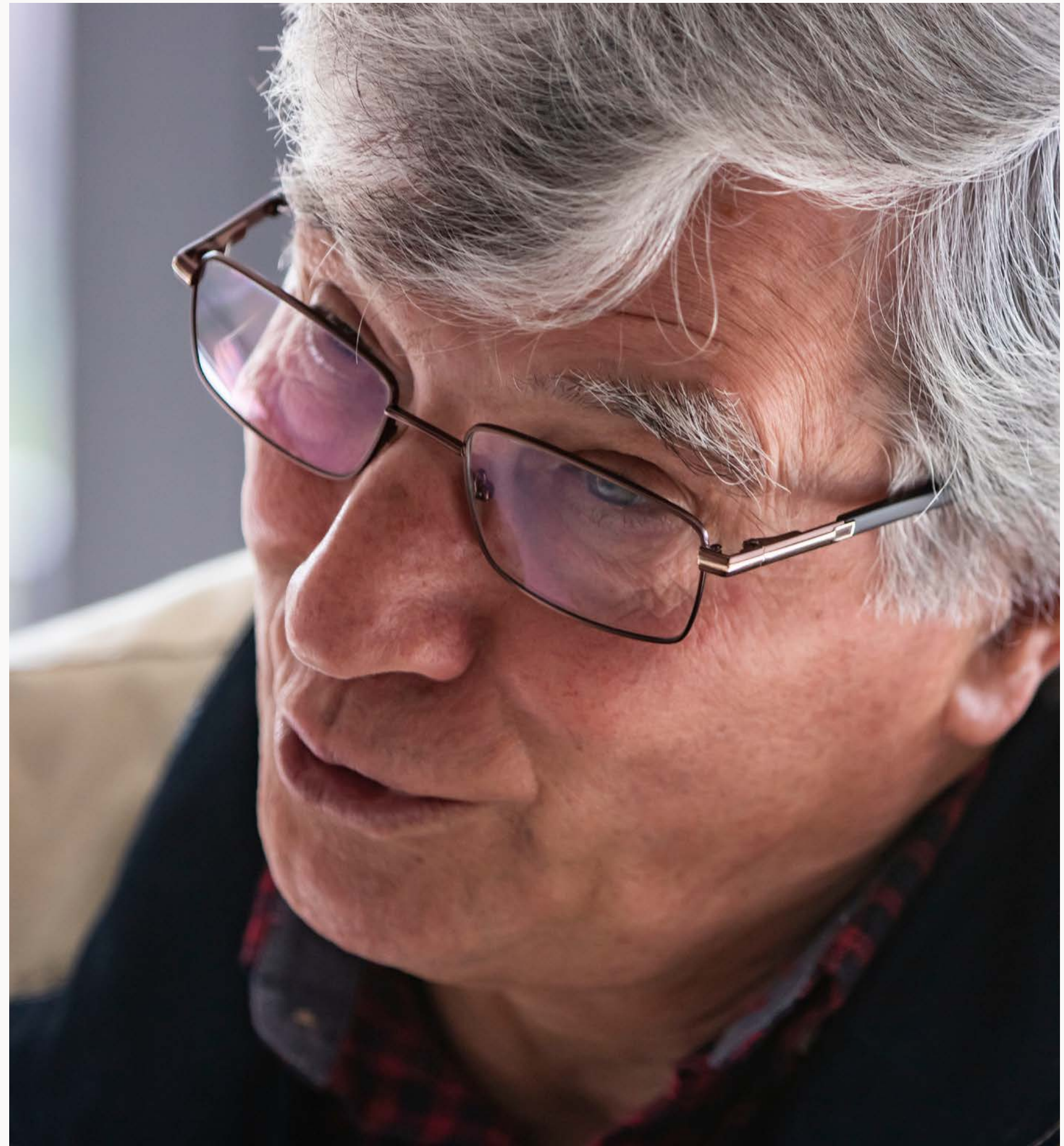
El proyecto me dio también la oportunidad de conocer a Firmino Tapia, una persona vital, con una gran pasión por los molinos.

De su conversación he aprendido un montón de cosas: la cantidad de molinos que hubo y que llenaron de voces y de vida, de coti dianedad a este río, las batallas ganadas por los molineros, su lucha compartida. Y como toda esa fuerza cristalizó en una celebración de alegría “as Cavalhadas de Vildemoinhos”- que aun hoy pervive.

Compartimos su tristeza por los molinos perdidos, todos, menos o moinho da Tia Micas : Tenho algo que toca meu coração.

Firmino siente el compromiso de reavivar este molino, de mantener su memoria. Casi sin ayuda de ningún tipo, construye su utopía -con su nieta- para que no se olviden las tradiciones, la cultura que conforman la identidad de los lugares. Además como bien expresó Firmino : “Os moinhos são minha paixão, eles são meu amor “

Suerte y gracias.



Rio Pavia

O rio fascinou-me. Eu senti aquele regato como algo multidimensional. A água na infinidade de formas e cores, o som, a sua força por momentos, a sua calma. As pedras sendo acariciadas pela água, às vezes, bloqueando a sua passagem. Sempre, em diálogo permanente. A luz tendo um papel indiscutível nesta festa. O cheiro a água, eucalipto, hortelã, erva. E, de novo, o som do rio, dos pássaros, dos nossos próprios passos.

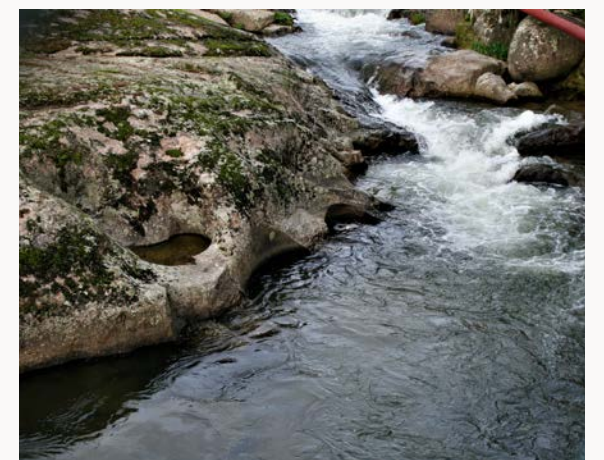
Comecei a ver claramente. Havia uma presença que atravessa todas as histórias: a água, o rio Pavia.

El rio me fascinó. Lo sentí como algo multidimensional. El agua en multitud de formas y colores, el sonido, su fuerza por momentos, su calma. Las piedras dejándose acariciar por el agua, obstaculizando a veces su paso. Siempre, en un diálogo permanente. La luz tomando parte indiscutible en esta fiesta. El olor a agua, a eucalipto, a menta, a hierba. Y otra vez, el sonido del río, de los pájaros, de nuestros propios pasos.

Empecé a ver claro. Había una presencia que atraviesa todas las historias: el agua, el río Paiva.

Onde quer que se esteja, há sempre aquele rumor de fundo, a sua própria ressonância no que foi vivido e sentido, mesmo que não seja percebido. Tem uma presença contínua. Além do mais, percorre de um lado ao outro o espaço da Quinta e, consequentemente, de Vildemoinhos a São Salvador. Esse é o grande ponto em comum que têm todas as histórias deste lugar.

Estés donde estés siempre está ese rumor de fondo, su propia resonancia en lo vivido y sentido, aunque no sea percibido. Tiene una presencia continua. Además recorre de un lado al otro el espacio de la Quinta, y por consiguiente desde Vilmoinhos hasta Sao Salvador. Ese es el gran punto en común que tienen todas las historias de este lugar.



Dona Maria Teresa de Mendonça

Rita, numa primeira visita, tinha gravado um relato de Dona Teresinha (a antiga proprietária da quinta), um áudio onde podemos ter uma ideia de como era a vida na Quinta. Um dos seus filhos tinha trazido cópias de algumas fotos para avivar as memórias.

Na segunda vez que visitamos a Dona Teresinha, no seu local de residência atual, a Casa do Terreiro, que é propriedade do seu marido, Dona Teresa, partilhou muitas histórias, especialmente de como passava o tempo na Quinta quando era menina.

Ela falou-nos muito sobre a sua mãe e de como tudo se organizava na Quinta. Disse-nos que era uma grande família, e que a casa estava sempre cheia de muitas pessoas. Em festas, férias, no carnaval, verão, natal... muita vida, muita gente...

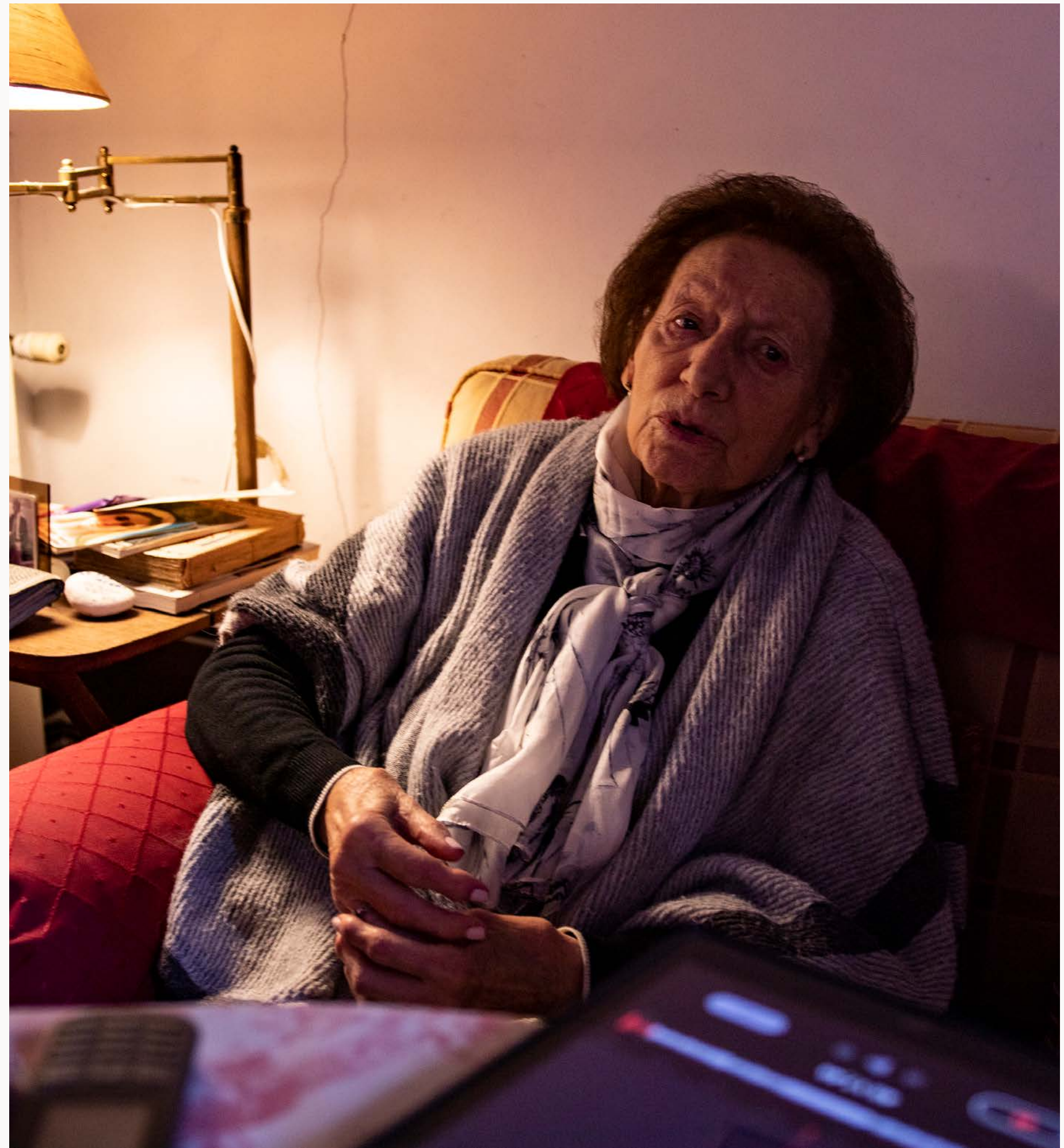
Obrigada.

Rita se había puesto en contacto con Dona Teresinha (la antigua propietaria) y había grabado un audio con sus relatos, a través de ellos podemos irnos haciendo una idea de cómo era la vida en la Quinta. Uno de sus hijos, nos proporcionó copias de algunas fotos para poder activar recuerdos.

La segunda vez que la visitamos, nos acercamos hasta su lugar de residencia actual, a Casa do Terreiro, que es propiedad de su marido. Dona Teresa, compartió muchas anécdotas, en particular de cuando era niña, del modo en que discurría el tiempo en la quinta.

Nos habló mucho de su madre, y de cómo lo organizaba todo. Nos habló de su familia, que era extensa y llenaba la casa siempre de mucha gente. En las fiestas, las vacaciones, carnavales, verano, navidades... mucha vida, mucha gente...

Gracias.



Dona Rosa María das Neves

Don José Alberto Pereira

Um dia, veio conversar connosco Rosa Maria das Neves Correia, acompanhada pelo seu marido José Alberto Pereira de Melo.

Contou-nos que a tinham chamado para trabalhar na Quinta quando tinha dezasseis anos, primeiro só durante o tempo em que a família da casa tinha ido veranejar para o Algarve, mas passado um mês ficou em permanência, como cozinheira. Aí se apaixonou, casou-se, e passou a viver quando as suas filhas eram pequenas. Ela sente a Quinta como a sua casa, como a sua família. Recorda um ambiente muito divertido, com muita vida e com muita gente. Ia-nos contagiando com o seu entusiasmo enquanto falava, de modo que cada uma de nós ia imaginando aquele tempo.

Tempo de jogos, de crianças, de alegria e de trabalho, muito trabalho. Percorremos a casa com ela à medida que ia reconstituindo a casa como tinha sido antes: a entrada com o piano; a entrada principal com as escrivaninhas da Dona Conceição; o corredor; as escadas em caracol; o piso dos quartos de dormir e quem dormia ali; os vestiários; as despensas, onde estavam a roupa de cama, os lençóis, as loiças; a cozinha e a lareira. Não esqueceu de evocar também o que tinha desaparecido: os tetos com almofadas de madeira; a decoração das porcelanas; as pinturas; os quartos de banho; as janelas de sacada; a capela... Por vezes o seu rosto enchia-se de nostalgia, certamente por aquilo que havia vivido e sentido naquele lugar. No exterior, relatou como tudo estava disposto, a alegria de dona Teresinha quando se construiu a fonte em frente a casa, o pombal, as japoneiras, a mata, as acácias, os eucaliptos, o lago dos patos, o campo de ténis. Também nos contou como se abastecia a quinta do que se produzia, porcos, galinhas, coelhos, produtos da horta, frutas, milho, uvas para a produção de vinho,... do rio, dos terrenos que antes eram da quinta e que depois foram arrendados, e mostrou-nos os moinhos no fundo da quinta, onde se fazia o pão.

Obrigada aos dois.

Uno de los días vinieron a conversar con nosotras Rosa María das Neves Correia, acompañada de su marido José Alberto Pereira de Melo.

Nos contó que a los 16 años la habían llamado para ver si podía ir a la Quinta, mientras la familia se iba a veranejar al Algarve. Y así, de un mes pasó a estar toda su vida en la Quinta, como cocinera. Se enamoró allí, se casó y cuando sus niñas eran muy pequeñas se fueron a vivir para la Quinta. Ella la siente como su casa, como su familia. Recuerda la vida de la Quinta con un ambiente muy divertido, con mucha vida y con mucha gente. Su entusiasmo nos fue contagiando y cada una de nosotras empezamos a imaginar aquel tiempo.

Tiempo de juegos, de niños, de alegría, de trabajo, de mucho trabajo. Recorrimos la casa con ella que fue tratando de reconstruir cómo era antes: la entrada del piano, la entrada principal con los escritorios de Dona Concepción, el corredor, las escaleras de caracol, dónde estaban las habitaciones y de quiénes era, los vestidores, las despensas de la ropa de cama, manteles, lozas, la cocina, la lareira... No olvidó evocar también lo que ya no estaba: los techos y zócalos de madera, la decoración de las porcelanas, las pinturas, los cuartos de baño, los miradores, la iglesia... A veces su cara se empañaba de nostalgia, seguramente por lo vivido y sentido en aquel lugar. En el exterior nos relató cómo estaba todo dispuesto, la alegría de Dona Teresinha de hacer el estanque circular frente a la casa, la pajarera, los camelias, la mata, las acacias, los eucaliptos, el estanque de los patos, la pista de tenis, y también de cómo se abastecía la quinta con los recursos que tenían: cerdos, gallinas, conejos, productos de la huerta, frutas, maíz, uvas para la propia fabricación de vino,... del río, de los terrenos que eran antes de la quinta y después fueron arrendados, y nos señaló dos molinos al final de la finca donde hacían el pan.

Gracias a los dos.



Comecei a aperceber-me que todas as histórias estavam interligadas, cada uma completava a outra e vice-versa, tecendo uma cartografia de sentimentos, memórias, vivências, afetos.

Não conhecia bem o caminho a percorrer, mas conheço, sim, o aroma desse caminho. (Chillida)

Sentia-me bem, animada, finalmente capaz de encará-lo. As coisas que realmente buscava eram a satisfação, um sentimento de realização, experiências novas e tangíveis, experiência de vida direta.

Deixei-me guiar apenas por um aroma, pelo desconhecido, pelo inesperado, pelo aleatório.

Sem planeamento, sem seguir critérios pré-estabelecidos. Essa atitude torna-nos muito mais adaptáveis e resilientes, capazes de desfrutar qualquer momento.

Deixei-me levar. Fiz numerosas pequenas derivas pelo espaço do parque da Quinta. Assim, errando, apercebes-te de como o tempo se altera, a mente se abre. Enfrentas uma infinidade de experiências quase mágicas, são experiências dirigidas a ti mesmo, de natureza sensorial (sons, cheiros, cenários visuais...), às vezes. Outras vezes, apresentam-se como sinais, pequenos tesouros carregados de novos significados simbólicos: pequenas pedras, cascas de árvores, imagens de mares mostrando algo sonhado, notas encontradas.

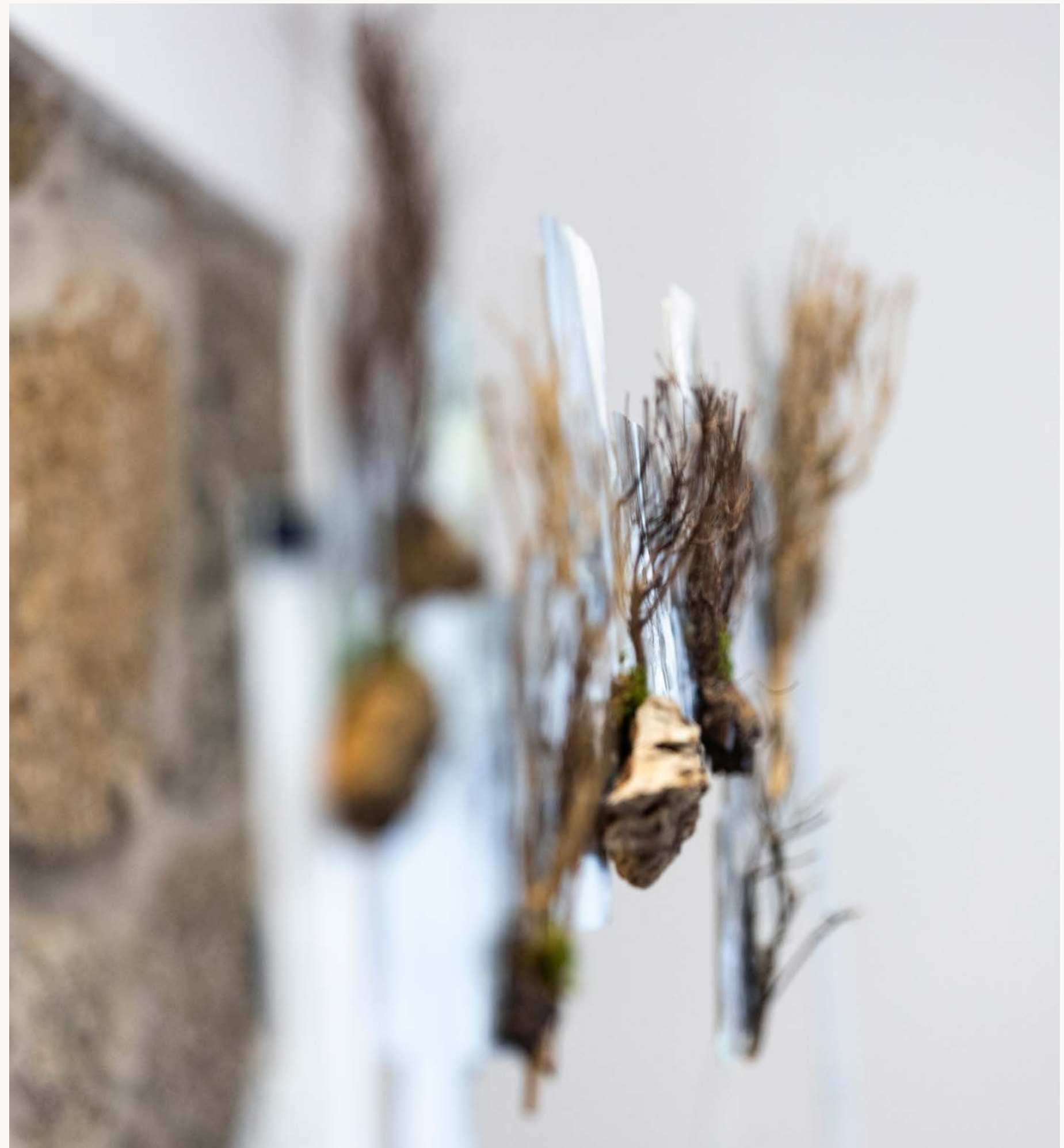
Empecé a darme cuenta de que todas las historias estaban interconectadas, cada una completaban a la otra y viceversa, tejiendo una cartografía de sentimientos, recuerdos, vivencias, afectos.

No conocía bien el camino a seguir, pero si conozco el aroma de ese camino (Chillida)

Me sentía bien, entusiasmada, finalmente, capaz de afrontarlo. Satisfacción, sensación de realización, experiencias nuevas y tangibles, experiencia directa de la vida: éstas eran las cosas que realmente buscaba.

Me dejé guiar sólo por un aroma, por lo desconocido, lo inesperado, lo aleatorio. Sin planificar, sin seguir criterios preestablecidos. Esta actitud nos vuelve mucho más adaptables y resilientes; capaces de disfrutar cualquier momento.

Me dejé llevar. Hice muchas pequeñas derivas por el espacio-parque de la Quinta. Así, al errar te das cuenta de que el tiempo se altera, la mente se abre. Uno se enfrenta a multitud de experiencias casi mágicas, son experiencias destinadas a uno mismo. De naturaleza sensorial (sonidos, olores, escenas visuales,...), a veces. Otras, se presentan como señales, como pequeños tesoros cargados de nuevos significados simbólicos: pequeñas piedras, pieles de los árboles, imágenes de mares que muestran algo soñado, notas encontradas.



Germano, fotógrafo

Como estava interessada em tentar reconstituir a vida daqueles anos, Teresa levou-me a uma casa de fotografia, onde costumava ir com a sua família, todos os anos, para tirarem uma foto de família. Pareceu-me uma ideia maravilhosa. De imediato, pensei na hipótese de poder chegar aos ausentes. Gostei da ideia.

A casa fotográfica chama-se GERMANO. É uma das mais antigas de Viseu. O proprietário, um fotógrafo da cidade, colecionou durante anos instantâneos de pessoas em cenas quotidianas.

Lá fomos nós. A pessoa que nos recebeu fazia parte da terceira ou quarta geração de fotógrafos. Eu fiquei fascinada e espantada com tudo o que tinha preparado para mim, com a sua gentileza ao explicar-me muitas coisas que eu não conseguia ver ou localizar. Até tinha procurado negativos da Quinta da Cruz, e encontrou um pequeno envelope onde estava escrito "menina da Quinta da Cruz, 1948". Fiquei muito entusiasmada ao encontrar tantos tesouros. Eu estava ciente de que aquele universo pessoal transbordava os limites do meu projeto, mas não resisti em incorporar algumas das imagens de Germano. É certo que completam as confidências das pessoas entrevistadas, mas o seu poder de evocação propõe novas derivas, outras aventuras.

Interessada como estava em tratar de reconstruir la vida de esos años, nuevamente Teresa me llevó a una casa de fotografía, en la que recordaba ir con su familia, cada año, para hacer una foto de familia. Me pareció una idea preciosa, enseguida pensé en la idea de poder llegar a los ausentes. Me gustó la idea.

La casa de fotografía se llama GERMANO, es una de las más antiguas de Viseu. El dueño, un fotógrafo de calle, recogió durante años instantáneos de las gentes en su discurrir cotidiano.

Allí nos fuimos. La persona que nos recibió formaba parte de la tercera o cuarta generación de fotógrafos. Me quedé fascinada y abrumada por todo lo que me había preparado, además con su amabilidad me explicó muchas cosas que no era capaz de ver o situar. Incluso me buscó negativos de la quinta, y encontró un pequeño sobre donde estaba escrito "menina da Quinta da Cruz, 1948". Me hizo muchísima ilusión encontrar tantos tesoros. Era consciente de que aquel universo personal, desbordaba los límites de mi proyecto, pero no me pude resistir a incorporar algunas de las imágenes de Germano. Es cierto que completan las confidencias de las personas entrevistadas, pero su poder de evocación propone nuevas derivas, otras aventuras.



Histórias de um lugar



Histórias de um lugar, é o meu projeto como artista residente na Quinta da Cruz, com o propósito de explorar e potenciar a identidade e o território deste espaço.

Historias de un lugar, es mi proyecto como artista residente en la Quinta da Cruz, con el propósito de explorar y potenciar la identidad y el territorio de ese espacio.

... desde que as vozes do rio são ouvidas

... desde quando as vozes do rio são ouvidas

Depois da minha estadia em Viseu, voltei para a minha residência habitual perto de Santiago de Compostela; é o meu estúdio, onde através da arte e do design crio e construo histórias visuais de diferentes lugares e épocas.

A minha linha de trabalho atual é reutilizar objetos, pinturas, fotografias,... para dar uma segunda vida ao encontrado ou procurado. Escolho objetos do quotidiano: caixas, pinturas anónimas, obras minhas, malas, objetos de maquetes, fotografias encontradas, postais antigos,... e construo momentos fragmentados de histórias diferentes. As vezes convertem-se em caixas de luz, de modo que, para além da sua função, contem também uma história. Muitas destas peças integram uma série de personagens como objetos inanimados, recortes e pequenas figuras que encontro e compro nos mercados, antiquários e outros lugares singulares. Os objetos, por um lado, são meras aparências, mas, ao mesmo tempo, têm uma expressão que pode ser animada pelo espetador, o qual

Terminada mi estancia en Viseu, volví a mi residencia habitual cerca de Santiago de Compostela; es mi estudio, en donde a través del arte y el diseño creo y construyo historias visuales de diferentes lugares y tiempos.

Mi línea actual de trabajo es la reutilización de objetos, pinturas, fotografías,... para dar una segunda oportunidad a lo encontrado o buscado. Elijo objetos cotidianos: cajas, pinturas anónimas, trabajos míos, maletas, objetos de maquetas, fotografías encontradas, postales antiguas,... y construyo momentos fragmentados de historias diferentes. A veces se convierten en cajas de luz, para que además de proporcionarle una función, la historia continúe. Muchas de estas piezas están formadas por una serie de personajes como objetos inanimados, recortes y figurillas que compro y encuentro en los mercadillos, tiendas de antigüedades y otros lugares extraños. Los objetos por un lado, son meras apariencias, pero, al mismo tiempo, tienen una mirada que puede ser animada por el espectador, quien

pode projetar nas coisas uma interioridade e identidade diferente. São situações, como comentários visuais, que falam da condição humana. Tenho necessidade de dialogar com o que foi vivido e o que foi encontrado.

Quando eu começo um projeto, deixo-me sempre levar pelo vivido e partilho aqueles dias naquele espaço, naquele tempo. Sem qualquer ideia preconcebida, deixo-me permear pelas histórias dos outros porque serão as minhas histórias, materializo as ressonâncias, os vestígios que deixaram em mim. Recolho com extremo cuidado palavras, gestos, sons, antigas e novas imagens... até tecer uma nova cartografia de sentimentos, memórias, vivências, afetos.

Histórias como momentos fixos a partir de um lugar, seguindo os aromas, os sons de um lugar.

puede proyectar a las cosas de una interioridad e identidad diferente. Son situaciones, como comentarios visuales, que hablan de la condición humana. Tenía ya la necesidad de dialogar con lo vivido y lo encontrado

Cuando inicio un proyecto, siempre me dejo llevar por lo que vivo y comparto esos días en ese espacio, en ese tiempo. Sin ninguna idea preconcebida, dejar que me impregnen las historias de otros porque serán mis historias, materializar las resonancias, los rastros que dejaron en mí. Recolectar con extremo cuidado palabras, gestos, sonidos, imágenes antiguas y nuevas... hasta tejer una cartografía de sentimientos, recuerdos, vivencias, afectos.

Historias como instantes fijados a partir de un lugar, siguiendo los aromas, los sonidos de un lugar:

O fluir contínuo do rio Pavia, atravessa todas as histórias, onde se escuta este rumor de fundo.

Percorre de um lado ao outro o espaço da Quinta e, conseqüentemente, de Vildemoinhos a São Salvador.

Este é, para mim, o ponto em comum que têm todas as histórias de este lugar.

El fluir continuo del rio Paiva, atraviesa todas las historias, estés donde estés se escucha ese rumor de fondo.

Recorre de un lado al otro el espacio de la Quinta, y por consiguiente desde Vilmoinhos hasta São Salvador.

Ese es, para mí, el punto en común que tienen todas las historias de este lugar.



Colagem de fotografias e elementos do rio, Medidas 2,80 m x 80 cm

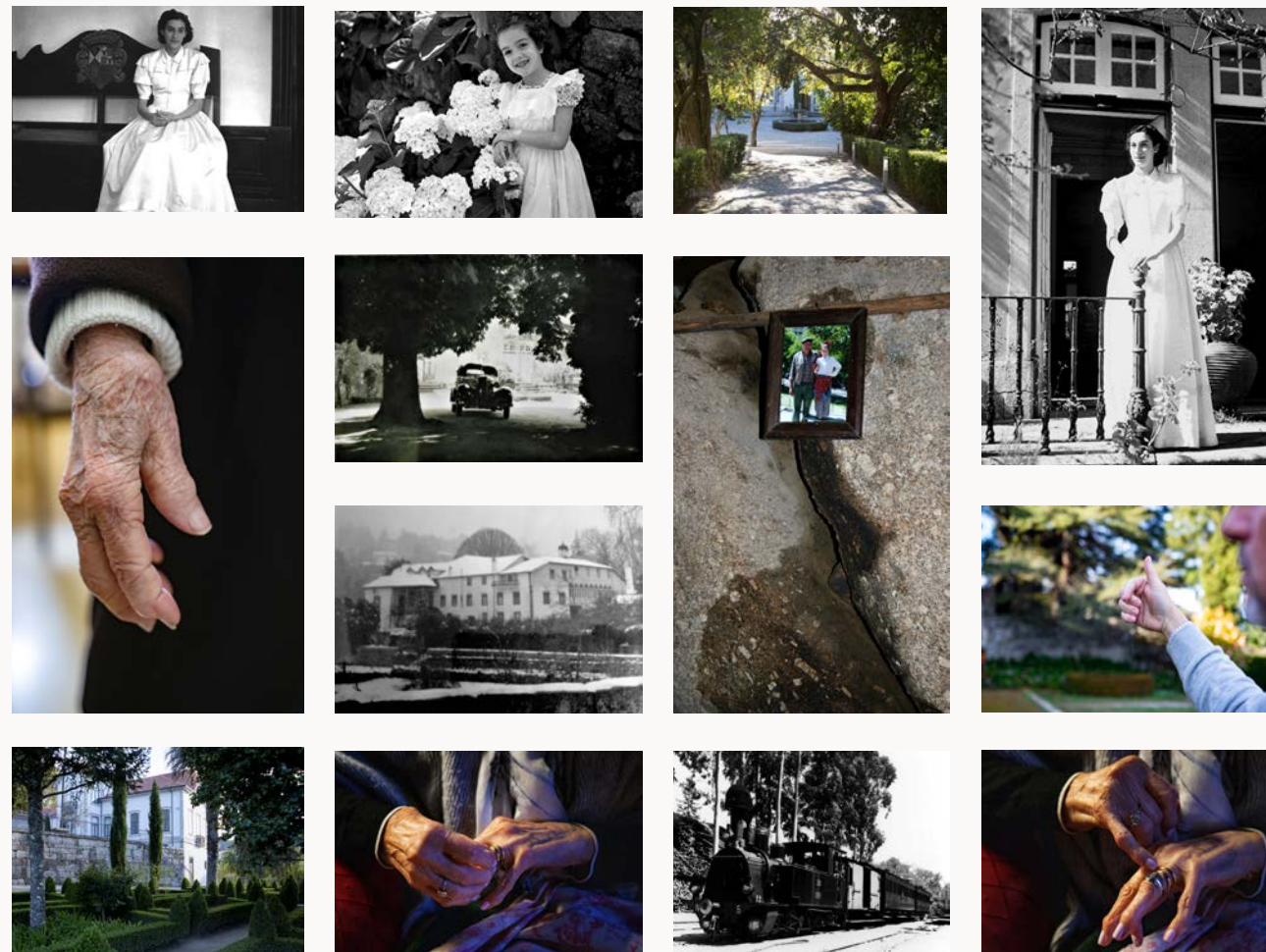
Collage de fotografias y elementos del rio, Medidas 2,80 m x 80 cm

... desde que as conversas criaram imagens

... desde quando as conversas criaron imaxes

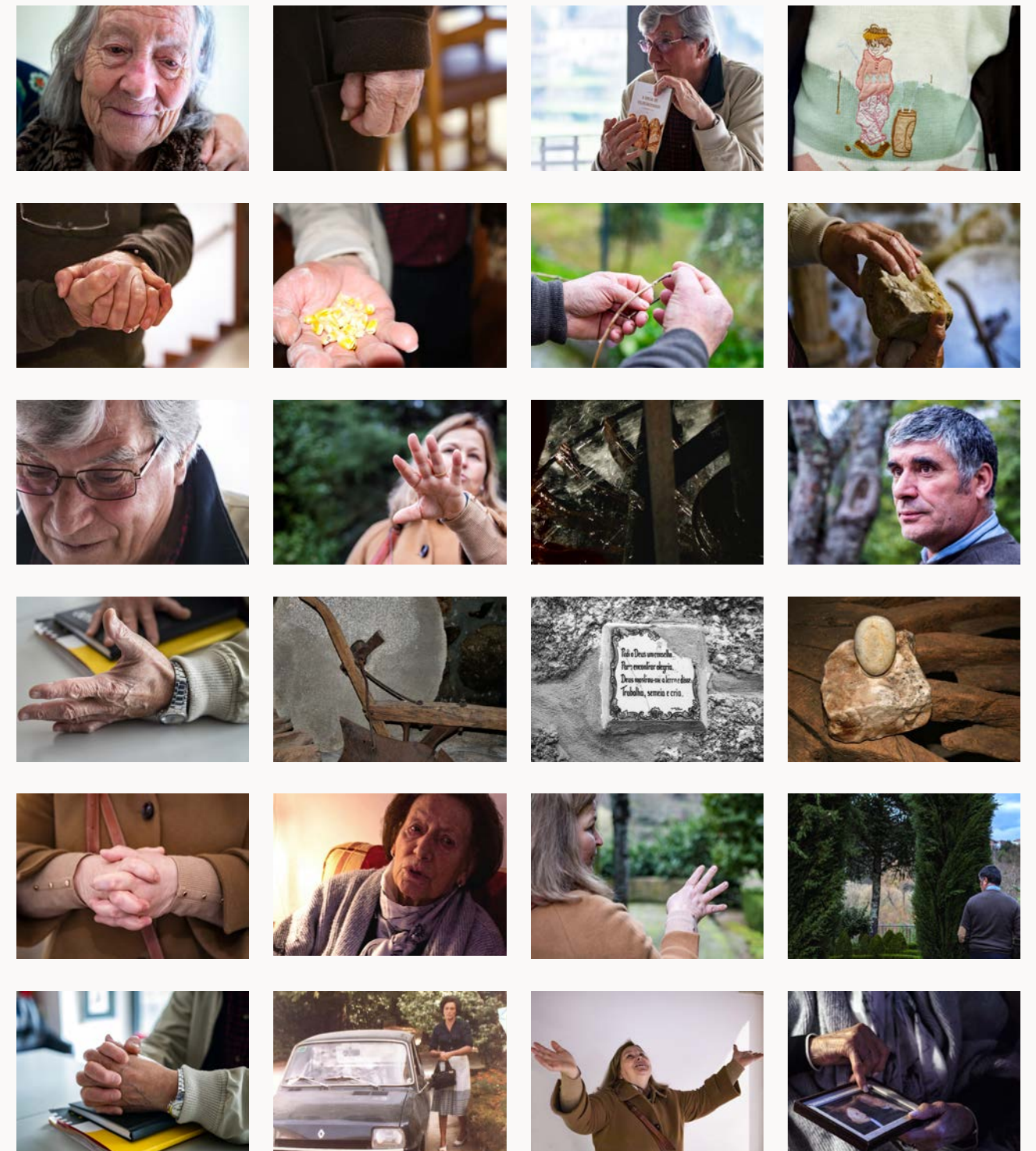
Histórias que de algum modo refletem instantes partilhados em cada uma das conversas:

Historias que de algún modo reflejan instantes compartidos con cada una de las conversaciones:



Mosaico de 36 fotos a cores (36cm x 24cm) das pessoas entrevistadas e fotos antigas de Germano a branco e preto.

Mosaico de 36 fotos en color (36cm x 24cm) de las personas entrevistadas, y fotos antiguas de Germano en blanco y negro.



Vamos esconder-nos,
os visitantes estão
a chegar!

Vamos nos esconder,
os visitantes estão chegando!

Caixa de madeira, pintada texturizada com efeito de ferro, de 40 cm de largura x 26 cm de altura x 11 cm de profundidade. Com luz led e circuito elétrico. Fundo com fotografia, papel vegetal pintado e colado, com papel espelhado nas partes laterais, Elementos naturais e objetos adicionados à escala. Peça única.

Caja de madera, pintada texturizada efecto hierro, de 40 cm ancho x 26 cm alto x 11 cm profundidad. Con luz led y toma de corriente. Fondo con fotografía, papel vegetal pintado y adherido, con laterales de papel espejo. Elementos naturales y objetos añadidos a escala. Pieza única.







Tempos de
trabalho duro,
mas muito felizes!



Caixa de madeira, pintada texturizada com efeito de ferro, de 40cm de largura x 26 de altura x 11cm profundidade. Com luz led e circuito elétrico. Fundo com impressões em papel de arroz colado e papel vegetal pintado e colado ao fundo, com papel espelhado nas paredes laterais. Elementos naturais e objetos adicionados à escala. Peça única.

Caja de madera, pintada texturizada efecto hierro, de 40cm ancho x 26 alto x 11cm profundidad. Con luz led y toma de corriente. Fondo con papel arroz impreso y papel vegetal pintado y adherido al fondo con laterales de papel espejo. Elementos naturales y objetos añadidos a escala. Pieza única.

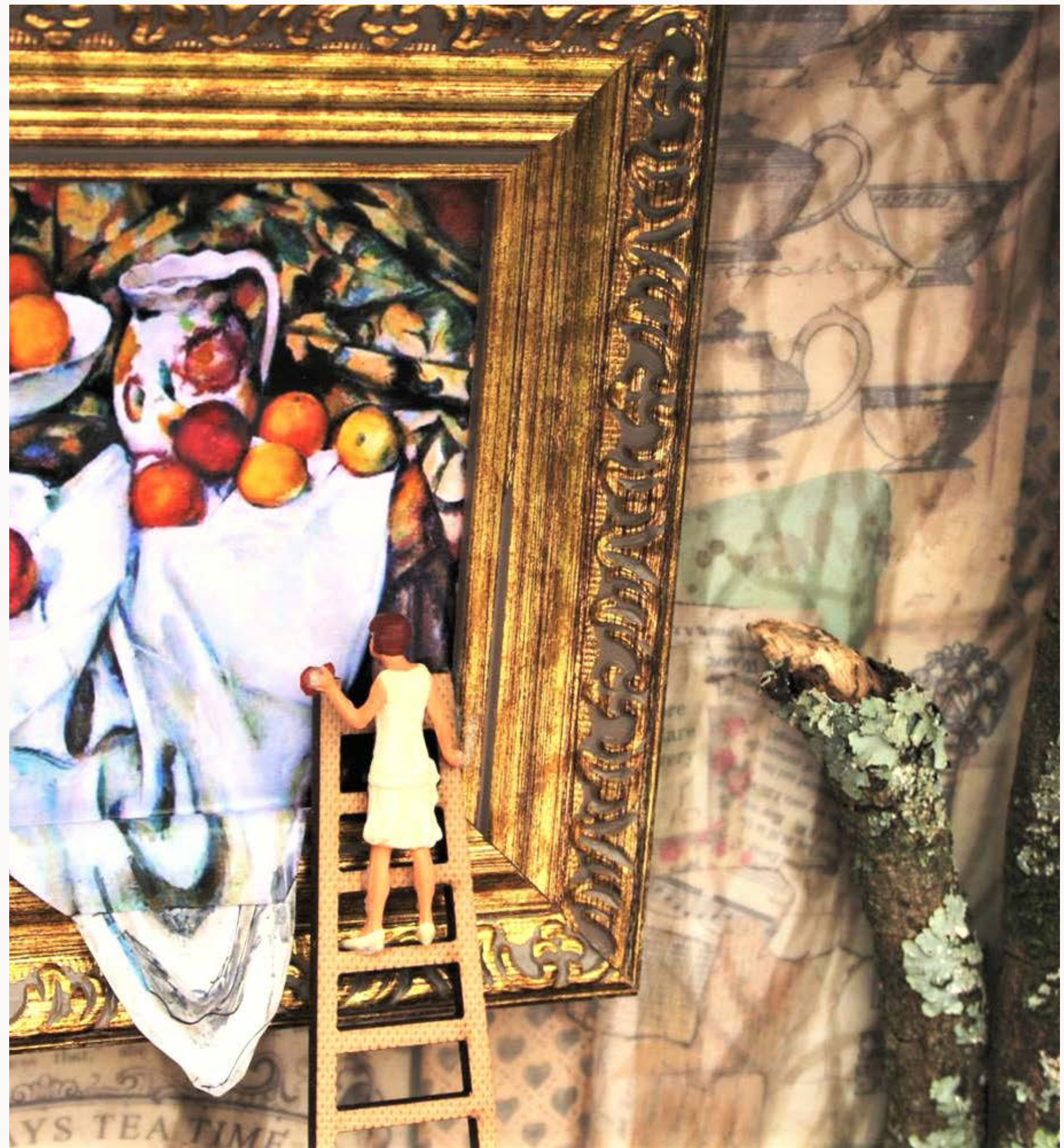
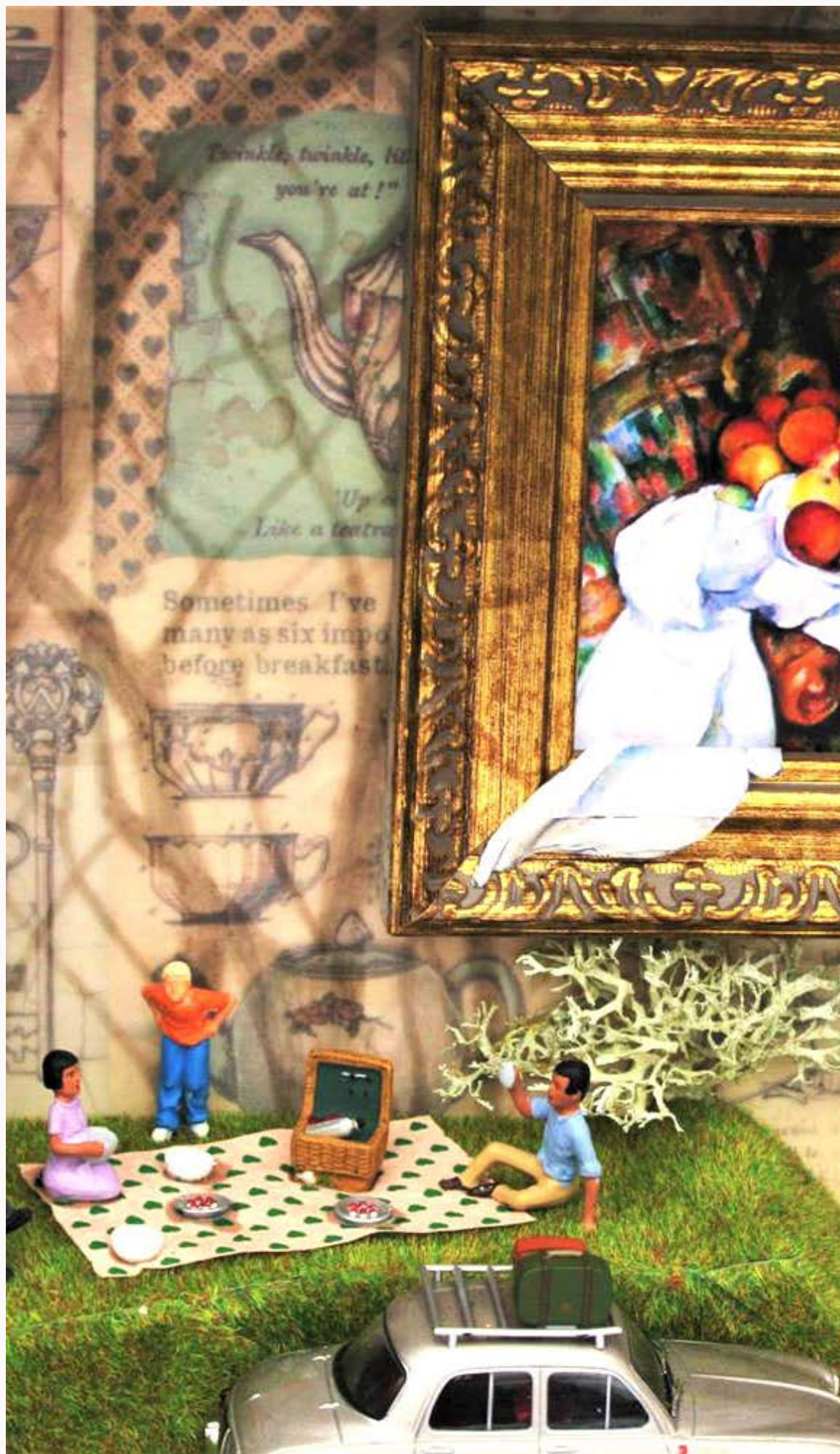




Sometimes I've
many as six impo
before breakfast

ALWAYS TEA TIME





Temos que recuperar os moinhos!

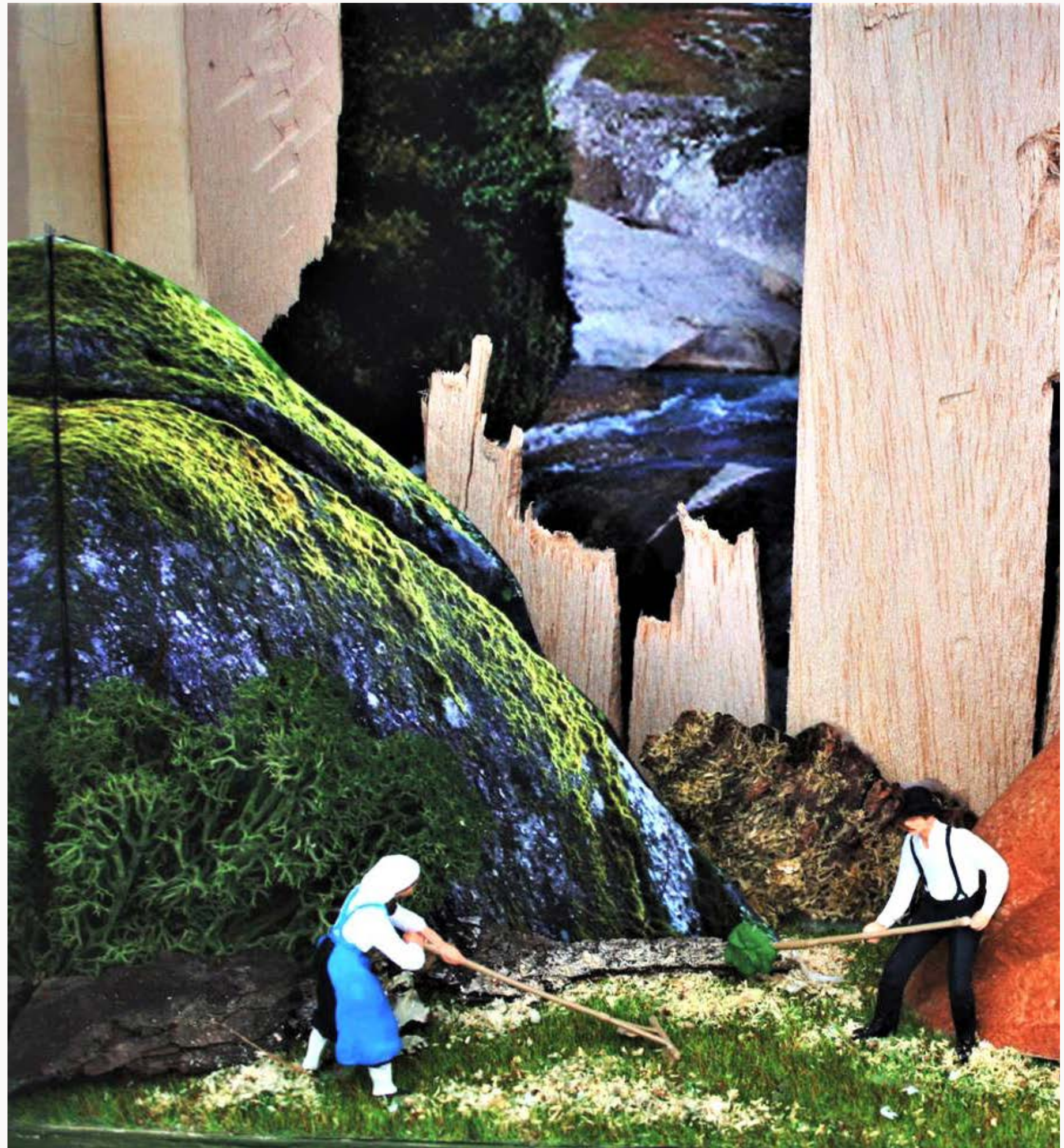
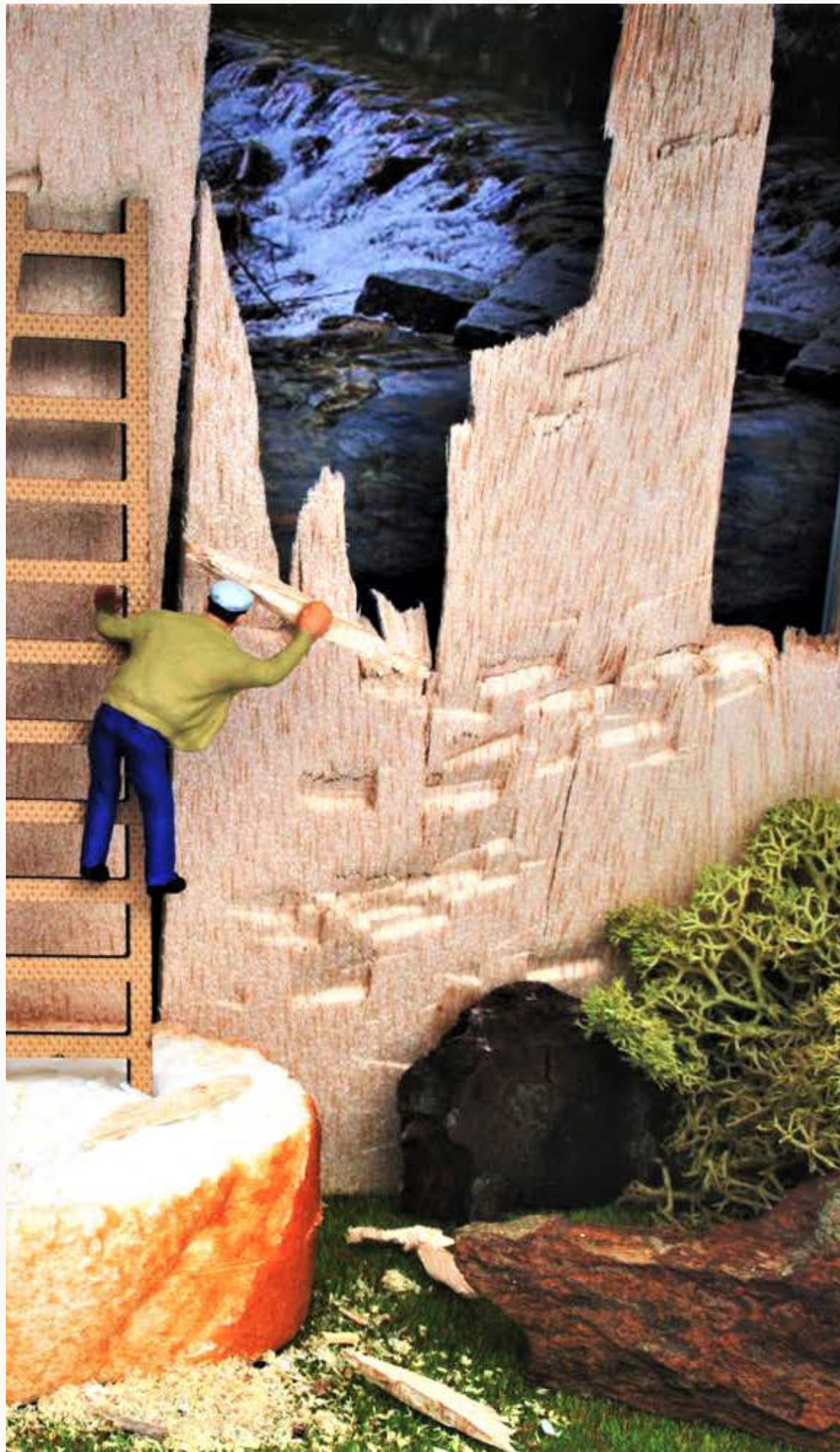
Temos que recuperar os moinhos;

Caixa de madeira, pintada texturizada com efeito de ferro, de 40cm de largura x 26 de altura x 11cm profundidade. Com luz led e circuito eléctrico. Fondo con fotografía, papel vegetal pintado e colado, con papel espelhado nas paredes laterais. Elementos naturais e objetos adicionados à escala. Peça única.

Caja de madera, pintada texturizada efecto hierro, de 40 cm ancho x 26 cm alto x 11 cm de fondo. Con luz led y toma de corriente. Fondo con fotografía, papel vegetal pintado y adherido, con laterales de papel espejo. Elementos naturales y objetos añadidos a escala. Pieza única







Costurava, costurava e costurava

Costuraba, costuraba
e costuraba

Caixa de madeira, pintada texturizada com efeito de ferro, de 40cm de largura x 26 de altura x 11cm profundidade. Com luz led e circuito elétrico. Fundo com papel de arroz impresso e com colagem de tecidos, com papel espelhado nas paredes laterais. Elementos naturais e objetos adicionados à escala. Peça única.

Caja de madera, pintada texturizada efecto hierro, de 40cm ancho x 26 alto x 11cm profundidad. Con luz led y toma de corriente. Fondo con papel de arroz impreso y collage de telas de tapicería adheridos al fondo con laterales de papel espejo. Elementos naturales y objetos añadidos a escala. Pieza única.



NOUVELLE MACHINE À Coudre
de A. Eppendorf
SINGER

La machine à coudre
de la femme moderne

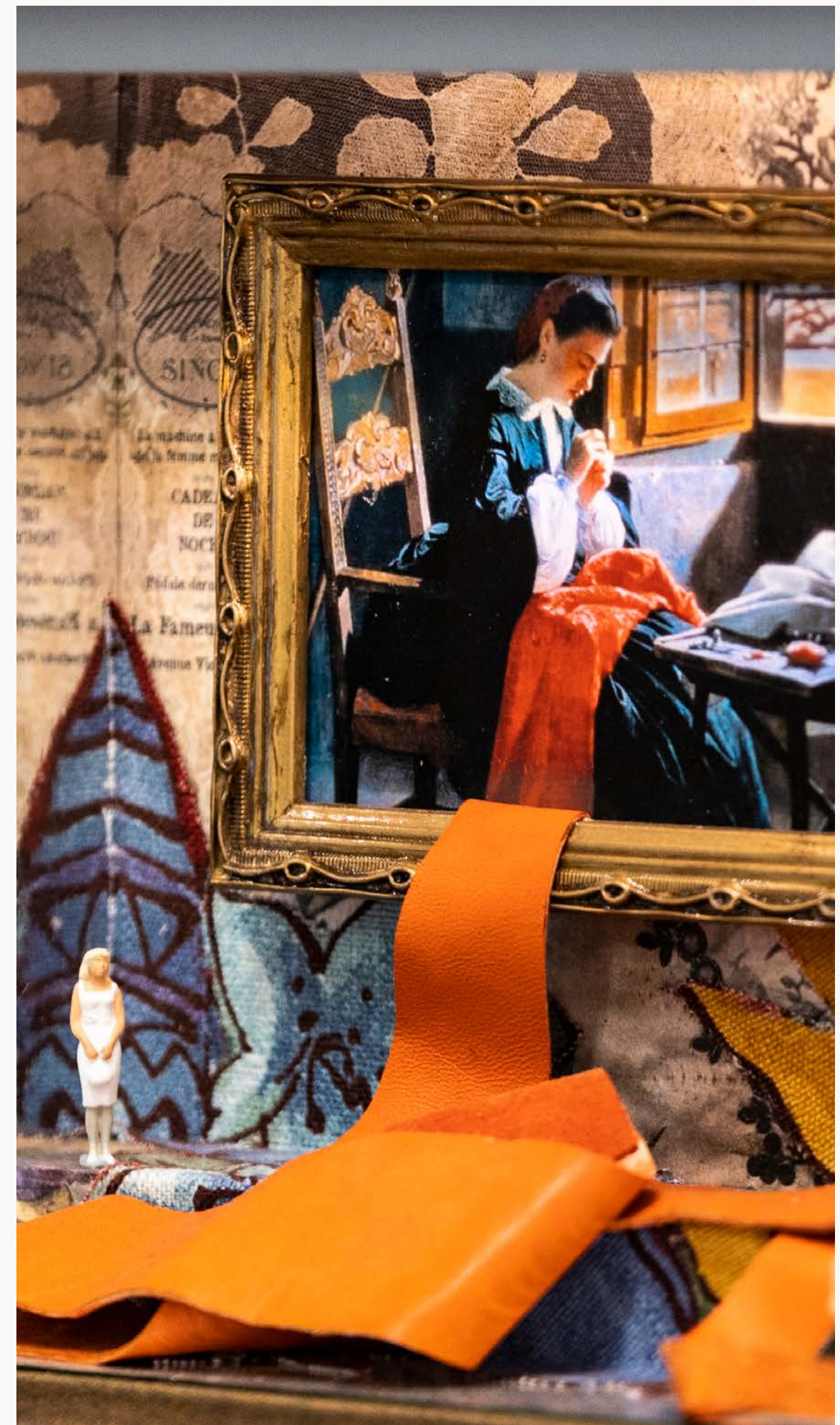
CADEAU
DE
NOCES

Pédale dernier Modèle

La Fameuse Noir

Avenue Victor - Hugo





... desde que o mar chegou à Quinta da Cruz

... desde quando o mar chegou à Quinta da Cruz

Quando nos dispomos a vaguear sem destino pelo parque, encontram-se uma infinidade de experiências quase mágicas. Umhas provindas da natureza sensorial, outras apresentam-se como sinais que, para mim, têm um significado especial, como as cascas de árvore, onde encontrei imagens de mares que mostram algo sonhado.

Cuando se camina con actitud de dejarse llevar por el parque uno se enfrenta a multitud de experiencias casi mágicas. Unas de naturaleza sensorial, otras se presentan como señales que para mí tienen un especial significado, como las cortezas de árboles, en las que encontré imágenes de mares que muestran algo soñado.

Esta série consiste em 8 peças de 84 cm de largura x 36 cm de altura x 3,5 cm de profundidade. Os fundos são fotos de cascas de árvore do Parque de la Quinta, com elementos adicionais como personagens, madeiras, paus, papéis, ... para construir esse mar sonhado.

Esta serie consta de 8 piezas de 84 cm de ancho x 36 cm de alto x 3,5 cm de fondo. Los fondos son fotografías de cortezas de árboles del parque de la Quinta, con elementos añadidos como personajes, maderas, troncos, papeles, ... para construir ese mar soñado.









... desde que as
palavras silenciadas
foram ouvidas

... desde quando as palavras
silenciadas foram ouvidas

Seguindo os rastros, encontrei palavras... que guardei com cuidado, para abrir o baú das pessoas, dos espaços, das ausências... palavras que habitam as memórias.

O projeto visa preservar e partilhar a memória individual de uma época passada, a da Quinta da Cruz, com base nos testemunhos de pessoas mais velhas que aí viveram quando crianças e adolescentes. Combina documentos áudio, imagens e peças artísticas interpretadas a partir do espaço vivencial da Quinta da Cruz e de conversas com pessoas que tiveram um papel naquele espaço e tempo, antes de passar a ser um centro de Arte Contemporânea.

Siguiendo los rastros encontré palabras... las guardé con cuidado, para abrir el baúl de las personas, de los espacios, de las ausencias... palabras habitando los recuerdos.

El proyecto pretende preservar y compartir la memoria individual de un tiempo pasado, el de la Quinta da Cruz, a partir de testimonios de personas mayores que lo vivieron como niños y adolescentes. Combinando documentos de audio, imágenes y piezas artísticas interpretadas a partir del propio espacio físico y personal de la Quinta da Cruz, y de las conversaciones con personas que han tenido un papel en ese espacio y tiempo, antes de pasar a ser un centro de Arte Contemporáneo.



Reflexões no decorrer do projeto

Reflexiones en el discurrir del proyecto

Gosto de contar histórias

Permite-me localizar realidades num tempo e num espaço, reconsiderar valores, reinterpretar os factos, atender a um saber coletivo que marca o caminho percorrido por um grupo humano, daí a importância de estabelecer projetos que recuperem esses sentidos. Por este motivo, prefiro falar de conversas entre iguais, e não de entrevistas, para indicar que é um processo livre, aberto e democrático.

Isso significa privilegiar o modo de conversação face ao modo de interrogação. Nos meus projetos, estou mais interessada nas conversas sobre momentos da vida. Eventos imprevisíveis, trabalho diário, amores, jogo, conflitos vividos, pessoas decisivas em momentos decisivos, artefactos da vida de uma pessoa (como fotos, diários, calendários, coleções, jornais, cartas), questões sobre o dia a dia (moda, vestidos, sapatos,...) elementos de coerência e contradição, autopercepção e opiniões sobre identidade pessoal e sua evolução, e alguns segredos ou histórias que não foram contadas.

O foco do projeto está centrado no conceito de identidade e território deste espaço. Sabemos que a consciência da nossa identidade pessoal se baseia na memória. Construímos a memória

Me gusta contar historias.

Me permite ubicar realidades en un tiempo y espacio, reconsiderar valores, reinterpretar los hechos, atender a un conocimiento colectivo que marque la ruta a seguir por un grupo humano, de ahí la importancia de establecer proyectos que recuperen estos significados.

Por ello, prefiero hablar de conversaciones entre iguales, y no entrevistas, para indicar que se trata de un proceso libre, abierto, democrático. Esto supone privilegiar el modo de conversación frente al modo de interrogación. En mis proyectos me interesan más las conversaciones sobre momentos de vida. Los acontecimientos imprevisibles, el cotidiano trabajo, los amores, el juego, los conflictos vividos, las personas decisivas en momentos decisivos, los artefactos de la propia vida (como fotos, diarios, calendarios, colecciones, periódicos, cartas), las cuestiones sobre lo cotidiano (moda, vestidos, zapatos,...) los elementos de coherencia y de contradicción, la autopercepción y las opiniones sobre la identidad personal y su evolución, y algunos secretos o anécdotas que no se contaron.

El foco del proyecto se centra en el concepto de identidad y territorio de este espacio: Somos conocedores de que en la memoria se basa la conciencia de nuestra identidad perso-



peçoal com fragmentos dispersos de experiências, e mesmo sabendo do seu carácter descontínuo, fragmentário, disperso e seletivo, é necessária para construir o nosso presente.

Sem memória não poderíamos contar as nossas experiências aos outros e nem sequer a nós próprios. É o andaime, a estrutura que organiza e corporifica as nossas vivências. É também evocação da ausência, atenua o impacto da insuportável certeza de que o tempo passa e não volta, que as coisas acontecem e se foram. Portanto, nós projetamos a memória nos objetos e nos espaços onde esta se sedimenta (souvenirs ou lembranças como resíduos da realidade) como uma confirmação da veracidade da experiência.

Os sentidos são também aliados da memória, despertam a lembrança adormecida e latente das nossas experiências passadas (um cheiro, uma música, uma visão, uma imagem, etc.). Ao mesmo tempo, a memória coletiva ajuda não somente a visitar o passado, como também o representa e obriga-nos a assumir as responsabilidades que daí decorrem. Não esqueçamos que o primeiro elemento que permite construir o futuro é o facto de levar em grande consideração o passado. A memória coletiva, como legado vital, serve de âncora e referência no tempo e num lugar ou território.

Território entendido como construção social, como ambiente de vida, ação e pensamento de uma comunidade, associado aos processos de construção da identidade (Tizón, 1995).

Com a mobilidade de grande parte da população e a sua rápida transformação social, a busca de lugares simbólicos comuns torna-se uma necessidade importante que permite, para as pequenas comunidades, o estabelecimento de um código comum com o fim de construir uma memória partilhada que gere laços de coesão social, e assim se vai estruturando uma “nova história” mais próxima, mais tangível e real para os diferentes membros da sociedade.

Há tanta informação a circular sobre um mundo global que os aspetos locais, antigamente muito presentes na vida dos membros da comunidade,

na. La memoria personal se construye con los fragmentos dispersos de la experiencia, y aún sabiendo de su carácter discontinuo, fragmentario, disperso y selectivo, es necesaria para construir nuestro presente.

Sin la memoria no podríamos contar nuestras experiencias a los demás y ni siquiera a nosotros mismos. Es el andamio, la estructura que organiza y da cuerpo a nuestras vivencias. También es evocación de la ausencia, atenúa el impacto de la insoportable certeza de que el tiempo pasa y no vuelve, de que las cosas transcurren y ya no están. Por ello, proyectamos la memoria en los objetos y en los espacios donde se ésta se sedimenta (los souvenirs o recordatorios como residuos de la realidad) como una constatación de la veracidad de la experiencia.

Los sentidos también son aliados de la memoria, despiertan el recuerdo adormecido y latente de nuestras experiencias pasadas (un olor, una música, una visión, una imagen, etc.). Paralelamente, la memoria colectiva no sólo ayuda a visitar el pasado, sino que también lo representa y nos obliga a asumir las responsabilidades que de él se desprenden. No hay que olvidar que el primer elemento que posibilita construir el futuro es tener muy en cuenta el pasado. La memoria colectiva, como legado vital, nos sirve de anclaje y referencia en el tiempo y en un lugar o territorio.

Territorio entendido como construcción social, como un ambiente de vida, de acción, y de pensamiento de una comunidad, asociado a procesos de construcción de identidad (Tizón, 1995)

Con la movilidad de gran parte de la población y su rápida transformación social, la búsqueda de lugares simbólicos comunes se convierte en una necesidad importante que permite a las pequeñas comunidades, establecer un código compartido que los una para construir una memoria compartida que genere lazos de cohesión social, y así se va estructurando la “nueva historia” más cercana, más tangible y real para los distintos miembros de la sociedad.

Hay tanta información circulando sobre un mundo global que los aspectos locales, antes muy presentes en los miembros de la comunidad, se

estão a desaparecer e em alguns casos são quase inexistentes. Daí a importância de voltar às narrativas locais, aos factos mais próximos para gerar sentido de pertença a uma comunidade.

É a partir desta projeção que é necessário sensibilizar as gerações mais jovens para cultivarem uma visão do passado, mas de um passado com nomes e sobrenomes, com usos e costumes, com personagens próximos (avós e bisavós) que empiricamente recordam e nos falam daqueles mundos a preto e branco, os quais, graças às palavras, adquirem cor, movimento, aromas e luz.

Trata-se de regressar ao passado e entender que o que os outros experimentaram marca diretamente quem somos agora e indiretamente quem seremos ou sonhamos ser.

Tal como o tempo, o espaço contém eventos e constrói memórias, é nos lugares que as experiências são guardadas, seja em casa, no trabalho, nos recantos, em parques, cafés ou qualquer outro lugar onde grupos de pessoas vivem a sua realidade e ali dão sentido às suas experiências (Mendoza, 2004).

Assim sendo, reveste-se de importância olhar para os espaços, os lugares, as ruas carregadas de vida e referências de encontros, lutas e amores. Quem conhece as histórias dos lugares? Como são transmitidos, no imaginário coletivo, esses relatos aglutinados ao espaço?

Espero que o projeto que vos apresento seja capaz de dar nota de algumas das respostas!

van difuminando y en algunos casos son casi inexistentes. De ahí la importancia de volver a las narrativas locales, a los hechos cercanos para generar arraigo y sentido de comunidad

Y es, desde esta proyección, donde se hace necesario mover a las generaciones más jóvenes para cultivar una visión del pasado, pero un pasado con nombres y apellidos, con usos y costumbres, con personajes cercanos (abuelos y bisabuelos) quienes de forma vívida, exponen y recuerdan aquellos mundos en blanco y negro los cuales gracias a las palabras adquieren color, movimiento, aromas y luz.

Es volver atrás y entender que lo vivido por otros, marca de forma directa quienes somos ahora y de forma indirecta quiénes seremos o soñamos ser.

Al igual que el tiempo, el espacio contiene acontecimientos y construye recuerdos, es en los lugares donde las experiencias se guardan, sea en la vivienda, en el trabajo, en rincones, en los parques, en los cafés o en cualquier otro sitio donde los grupos viven su realidad y allí dan significado a sus experiencias (Mendoza, 2004).

Por ello, la importancia de volver la mirada a los espacios, a los lugares, a las calles cargadas de vida y de referencias de encuentros, luchas y amores. ¿Quiénes saben las historias de los lugares?, ¿cómo se comparten, en el imaginario colectivo, relatos aunados a los espacios?

Ojalá que el proyecto que os presento sea capaz de apuntar algunas de las respuestas!

Chillida, E. (2000). Guiado solo por un aroma (poema y escritos) en AROMAS, 2000. Editado por Edouard Weiss, Paris, 2000.

Mendoza, (2004). Las formas del recuerdo, La Memoria Narrativa. Atenea Digital_6, 1-16

Tizón, Ph. (1996), “Qu’ est ce que le territoire?”. En: Les territoires du quotidien, sous la direction de Guy Di Méo (pp. 17-34). L’Harmattan: Paris.

Chillida, E. (2000). Guiado solo por un aroma (poema y escritos) en AROMAS, 2000. Editado por Edouard Weiss, París, 2000.

Mendoza, (2004). Las formas del recuerdo, La Memoria Narrativa. Atenea Digital_6, 1-16

Tizón, Ph. (1996), “Qu’ est ce que le territoire?”. En: Les territoires du quotidien, sous la direction de Guy Di Méo (pp. 17-34). L’Harmattan: Paris.



De quando o mar chegou à Quinta da Cruz

De quando as conversas criaram imagens

María Jesús Agra Pardiñas

Artista visual e profesora titular de Didáctica das Artes, actualmente profesora Ad Honorem, na Universidade de Santiago de Compostela (USC).

Licenciada e doutorada em Belas Artes pela Universidade Complutense de Madrid, Espanha.

Bolsa Sotomayor da Deputação da Corunha. Anos 1977_79.

Bolsa de estudos da Fundação Barrié, Corunha. Anos 1978_82.

Prémio de design no II Certamen de Artes Plásticas "Isaac Díaz Pardo".

Obras em coleções privadas como a Fundação Barrié de la Maza, Deputação da Corunha.

Exposições na Galeria Algalia e Sala Giannini (Investidora em fundos de arte).

Titular da Universidade de Santiago de Compostela, USC. Atualmente profesora emérita.

Participação com stand próprio no salão ARTSHOPPING, Carroussel du Louvre, Paris (Outubro 2018)

Exposição coletiva na Galeria de Merlino, Florença: LUCI E OMBRE (29 de novembro a 7 de dezembro)

Participação através da ARTEXPERTISE (Firenze) na Feira ART INNSBRUCK (Áustria), de 17 a 20 de janeiro 2019)

ART MARKET, GALERIA DE MERLINO, 8 a 18 de janeiro de 2019

VISIONES, GALERIA DE MERLINO, 2-12 de fevereiro de 2020

Na atualidade, artista permanente da ARTEXPERTISE, regularmente representada nas exposições da Merlino Contemporary Art Gallery em Florença.

Artista visual, y Profesora Titular de Didáctica de las Artes, actualmente profesora Ad Honorem, en la Universidad de Santiago de Compostela (USC).

Licenciada y Doctora en Bellas Artes, Universidad Complutense, Madrid, España.

Beca Sotomayor de la Diputación de A Coruña. Cursos 1977_79

Beca para estudios de la Fundación Barrié, A Coruña. Cursos 1978_82

Premio de diseño en el II Certamen de Artes Plásticas "Isaac Díaz Pardo"

Obras en colecciones privadas como la Fundación Barrié de la Maza, Diputación de A Coruña.

Exposiciones en la Galería Algalia, y la Sala Giannini (Inversora de fondos de arte).

Titular de Universidad de Santiago de Compostela, USC. Actualmente profesora emérita.

Participación con stand propio en ART-SHOPPING, Carroussel du Louvre, Paris (Octubre 2018)

Exposición colectiva en la Galería de Merlino. Florencia: LUCI E OMBRE (29 de noviembre al 7 de diciembre)

Participación a través de ARTEXPERTISE (Florencia) en la Feria ART INNSBRUCK (Austria), del 17 al 20 de enero 2019

ART MARKET, GALERÍA DE MERLINO, 8- 18 de enero de 2019

VISIONES, GALERÍA DE MERLINO, 2-12 de febrero de 2020

Actualmente soy artista permanente de ARTEXPERTISE con representación en cada exposición de la Merlino Contemporary Art Gallery en Florencia.





Histórias
de um
lugar

María Jesús Agra